PARA·TODOS...

ANNO XII
NUM. 613
Rio de Janeiro,
13 de Setembro de
1930
Preço: 2$000

A Rosa-Chá

ERA durante o entardecer de um bello domingo de Dezembro. Cahia uma chuva miuda e a agatha fundida e amarella das nuvens parecia pó de ouro suspenso no ar. Atravez dos vidros da janella, descortinava-se a pracinha senhoril de provincia. Viam-se mais ao longe, as casas aristocraticas, quietas e severas.

Tia Lucia, sua filha Gloria e suas duas sobrinhas, Esther e Maria — "as minhas tres pombinhas", — conforme ella as chamava, — estavam sentadas, em silencio, nas suas poltronas de damasco, olhando para fóra, como que deixando suas almas tambem adormecer ao mesmo rythmo desse fim de dia. No meio dellas, complemento do calado grupo, havia um alto braseiro de prata cinzelada, e, em cima delle, um lindo gato Angorá, enrolado, qual um novello de alvissima seda.

As quatro mulheres tinham já falado muito, talvez mais que das outras vezes, dos novos vizinhos do palacete fronteiro, da ultima festa do tio-conde Manuel, do extraordinario caso dos amores de Carlos Legazpi, o incansavel, com uma forasteira chegada á cidade.

A entrada da ama Josepha, a velha creada que trazia numa bandeja de porcelana de Chelsea — a antiquissima e apreciada porcelana ingleza de 1750, unico exemplar de toda a cidade e ingenuo orgulho da Tia Lucia — um serviço de chá do mesmo jogo, espertou as almas das quatro, fazendo-as voltar á prosa da vida domestica. Tia Lucia, já de sessenta annos e empergaminhada, viuva de um inglez que a levara para longinquos paizes brumosos e frios, nunca se cansava de mostrar a todos esses objectos artisticos e de contar curiosos incidentes e detalhes suggestivos ácerca do modo por que chegaram ás suas mãos esses mesmos objectos.

A ama Josepha trazia o chá, que só era tomado na casa de Tia Lucia. Na cidade ninguem gostava, e tal costume era tido como original e inexplicavel. Mas Tia Lucia era uma senhora que queria sempre se differenciar de todos. Era esse um signal do seu caracter. Exquisito? Não. Nunca houve na cidade, senhora mais amavel e condescendente. O certo é que ella era uma verdadeira aristocrata de longinquos avoengos e de gostos finos. Era-o tanto que, apesar das criticas e suspeitas de muita gente, nunca permittiu que a sua filha e as sobrinhas passassem as tardes dos domingos em saráos e reuniões da cidade, porque nelles se falava sem tino nem acerto e muito grosseiramente. Preferia distrahir as suas "Tres Pombinhas" contando-lhes infatigavelmente, cousas e mais cousas, pois ella viajara tanto e conhecera tantos paizes com o seu marido; e deliciosos contos tambem. Narrava tudo de modo tão attrahente, que, não só a filha e as sobrinhas, mas toda a gente, inclusive o senhor cura, don Leoncio, tão eloquente e sabio, todos ficavam presos ás suas palavras. Justamente — poder-se-ia garantir — por esse encantador gyro das suas conversas, é que ganhara logo o coração de Jones, seu marido; e foi uma cousa casual, pois Jones que estava de passeio na cidade, conheceu-a num saráo no palacete do irmão da Tia Lucia, o conde Manuel, e no jardim, viu-a e amou-a apaixonadamente. Esse acontecimento foi muito commentado na cidade. Mesmo que nesse tempo se comprehendesse e explicasse um idyllio rapido, não se entendia esse, pois, nessa época, Tia Lucia era uma creatura enfermiça e não era bonita; além disso, muitos a tinham como pessôa adusta e orgulhosa. Jones, sim: era homem capaz de despertar paixões. Imaginem: um verdadeiro principe encantador, louro, gentil, de palavras carinhosas e suavissimas maneiras. O Coronel Lupiones, então chefe da Guarda Real de Isabel II, que o conhecera, chamava-o "Florisel" e esse appellido lhe ficou por muito tempo, entre damas e donzellas.

Tia Lucia serviu o chá. Todas se reuniram junto á mesinha de lacca. Todas, não, pois Maria, de pé, olhava atravez da sacada a melancolica maravilha desse pôr de sol: luz ambarina que começava a ficar levemente rosada. A chuva já cessara, e algumas nuvens tentavam rasgar-se. — Vens? — disse Tia Lucia.

— Espera, espera... — e mudando de tom. — — Sim, sim. Venham e verão que belleza. Nas nuvens está se formando como que uma rosa enorme e bellissima. Uma enorme rosa com as suas folhas e a sua haste... — Explicou Maria como se a estivesse vendo.

— Que phantasia tens, filha?!

— E' verdade. E cada vez mais claro. Parece uma rosa chá — acrescentou Esther.

— Vejamos? — disse Gloria approximando-se da sacada. Depois affirmou: — Sim. E' verdade. Que maravilha!

— Daqui eu a vejo — assegurou Tia Lucia.

Uma nuvem redonda e altissima, um cumulus, se formava, allumiada pelos ultimos resplendores do sol, tomando o aspecto de uma rosa immensa; e, em baixo, como que a sustentando, a sombra que outras nuvens projectavam parecia parte de uma haste e algumas folhas. O espectaculo era, na verdade, emocionante... Pouco a pouco a visão se foi esfumando e apagando em tintas arroxeadas, tristes e sujas.

— Olha: já se desmancha — disse Gloria.

— Que pena! Eu estaria a vida inteira contemplando-a — suspirou Maria. — Não entristeças, creança. Na terra ha rosas tão lindas ou mais do que essa que tanto te enthusiasmou; e são muito duradouras... — commentou Tia Lucia.

— Mas essa era de luz e na terra não ha assim rosas.

— Tão lindas como essa e que ainda fazem maior felicidade... — commentou Tia Lucia, docemente.

Tão docemente que a especial emoção posta em suas palavras, fez com que todas a olhassem cheias de curiosidade e surpresa. Tia Lucia notou isso e corou um bocadinho. Esther, mais atrevida de que as outras, perguntou-lhe: — Que aconteceu ? Alguma lembrança?

— Eu lhes contarei alguma cousa sobre uma rosa-chá... — disse, sorrindo suavemente Tia Lucia.

— Um conto?

— Uma historia tua?

— Deve ser alguma cousa linda e poetica — disse Maria, accrescentando: a tarde, o momento e o thema, tudo está de accordo. Não é?

Tia Lucia segurou a linda chicara com a sua mão tremula e enrugada, bebeu um pequeno gole, deixando logo a taça no pires com muito cuidado, e docemente virou-se para traz, apoiando a cabeça no espaldar da commoda poltrona. Arrumou a saia de faille negro, sorriu fechando os olhos, e, lenta, mui lentamente, como que saboreando, foi começando a seguinte historia romantica.

— Era uma vez... Um palacio com um jardim encantador, e alli... supponhamos que morava uma pallida princeza. A princeza gostava de descer ao jardim, á hora em que morria o sol e tingia o céo de cores nostalgicas. Não gostava de ser vista. Não queria que a vissem doente e lhe fizessem a injuria de compadecer della.

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro— 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Conto, de J. Amorós

Quasi não falava com ninguem. Seu maior prazer era descer naquella hora ao jardim para cortar as mais lindas flores e offerecel-as a uma Virgem que adornava a cabeceira de sua cama. Pedia a essa Virgem, todas as noites, um favor, sempre o mesmo: que a fizesse sarar e ficar bonita. A pobre princeza tinha a alma cheia de ansias de amor e pensava que, só sendo bonita, se podia conseguir a posse desse encanto da vida. Do jardim, preferia um rosal de rosas vermelhas. Gostava tanto delle, que nunca tocava em nenhuma das suas flores. E era para ella um prazer e uma dor ver tão grande belleza, essas rosas de um rubro sanguinolento, como perfumados e floreos corações. Deante do rosal, fazia todas as tardes o seu ramo... Um dia, chegou de longe um donzel, louro, galante, de suavissimas maneiras. E tornou-se o pagem da princeza. Chamava-se, como todos os trovadores de princezas, "Florise."... — Florisel? — interrogou Gloria, a filha. — Alguem me falou de um Florisel... Ah! sim! Já me lembro.

— Quem? — perguntou, rapidamente, Tia Lucia.

— Parece-me que foi a irmã de don Carlos Openil, que casou com um coronel.

— E que te disse? — perguntou, receiosa, Tia Lucia.

— Não me lembro bem. Tratava-se, creio, de um personagem muito exquisito... Ha já muito tempo que me falou, disse.

Houve uma pausa, e nella, Tia Lucia olhou fixamente para sua filha, como para adivinhar o seu pensamento. E decerto não viu nada de dissimulação nella, pois continuou sua narração sem inquietude.

— Florisel acompanhava a princeza todas as tardes, e com ella fazia o ramo costumeiro. Mais do que nunca, a princeza rogava á Virgem que a curasse e a fizesse linda, mas a pobrezinha já apaixonada por Florisel, cada vez estava mais triste e mais pallida, e sua dor augmentava deante do seu rosal preferido. Um dia Florisel viu que, dos olhos da princeza cahiam duas ardentes lagrimas. Foi o bastante para que adivinhasse a causa da sua dor e lhe dissesse:

— Essas rosas, amanhã, estarão tão lindas como tu. — Ficou ella perplexa e sorriu incrédula. Retiraram-se... Não sei o que aconteceu no jardim, durante a noite. Talvez Florisel, enamorado, cantasse uma ballada, uma prece ao rosal, tão emocionante que, no dia seguinte, quando, ao pôr do sol, voltaram para junto do rosal aquellas rosas já não estavam alli: tinham, ao contrario, se transformado em lindissimas rosas-chá, pallidas, ambarianas, como o semblante da princeza, tão delicadas como o sua pelle; e, entre todas, uma, curvada com a sua alta haste, parecia, na silhueta, a fragil figura da donzella. Ficou esta admirada do que parecia bruxedo. — Foste tu? — perguntou, anhelante, ao seu pagem. E como lhe dissesse que tinha sido elle, ainda perguntou mais: — E essa, tão exquisitamente linda e tão cheia de doçura, quem é?

— Toma-a e sorve o seu aroma; assim saberás — disse Florisel. — E assim fez a princeza; mas com tão má sorte, que, ao segurar a rosa pela haste, para arrancal-a, feriu-se e de sua mão brotou uma gotta de sangue, á cuja vista, cahiu angustiada nos braços do seu pagem.

— Ai, mãe! — suspirou, receiosamente Gloria. — Mas é verdade tudo isso? Essa scena me faz lembrar mais claramente o que me disse a irmã de don Carlos Openil.

O grito de pena commoveu a todas. Tia Lucia ficou livida; depois, subiu o ardente sangue ao seu rosto. Com temor, perguntou a sua filha:

— Que te disseram? Que embuste te contaram, minha filha?

— Não m'o perguntes... Fui muito imprudente. — E como para tranquillizal-a, accrescentou: — Além disso, nem acredito, nem posso acreditar... Tu, tão bôa, tão respeitavel sempre...

Uma rajada de pungente incerteza e de desassossego passou pelos corações das quatro. Nesse momento já o sol desapparecera. No interior do aposento ainda sem luz, as paredes e os grandes moveis e as sumptuosas cortinas pareciam illuminar-se com o resplendor purpureo de uma fogueira longinqua. Da mesinha de lacca e do apparelho de chá pulavam debeis reflexos cambiantes e phosphorecentes. A grande lampada de crystal semelhava uma chuva de gottas sangrentas. Entre as mulheres, como offerenda suavissima e tranquilla, deixava o bule de chá escapar uma columninha de fumaça que subia recta e rapida até o mysterio do tecto, e, antes de chegar a elle, esfumava-se pouco a pouco. Vendo-a, Tia Lucia pensou na ascensão de uma alma pura em meio de uma grande catastrophe de paixões... Mas na realidade, não havia motivo de tragedia e sim de expansão sentimental, como succedeu. Tia Lucia, entretanto, muito impressionada, supplicou com voz fraca:

— Dize tudo o que sabes.

E como não obtivesse resposta, ordenou com suave energia:

— Mando-te que fales, Gloria, Minha filha.

— Eu não acredito, mãe — respondeu Gloria, gaguejando, e accrescentou depois:

— São muito máos... Estou certa de que o inventaram... Como poderias simular tanto deante de nós? Não o creio, não, minha mãe. E' impossivel que tu tivesses preparado essa scena do desmaio para que te vissem de noite, e para melhor comprometter o meu pae, vencendo assim todas que o cobiçavam na cidade...

— Foi isso que te disseram?

— Isso me disseram ha muito tempo... quando eu era creança...

— Que maldade! — E de repente, disse, para dentro: — Ama Josepha! Traze os candelabros, depressa.

E, na semi-obscuridade sahiu da sala dirigindo-se ao seu quarto. Entretanto, e silencio, no aposento escuro, era angustioso.

Ama Josepha trouxe os candelabros que poz sobre a grande mesa do centro e se retirou, como sempre alheia a tudo.

Logo chegou Tia Lucia, trazendo na mão cheia de anneis, uma caixa de sandalo.

— Venham cá, minhas filhas, para verem a prova contra esse embuste. Olhem.

— Debaixo de um dos candelabros, abriu a caixa e dentro della, appareceram cinco caixas mais. Cada uma trazia um numero de ouro. Abriu a primeira, e, sobre umas petalas seccas de rosa, havia um papel amarellento com um escripto apenas perceptivel.

— Essa é a letra de meu pae — exclamou Gloria.

— Do mesmo, minha filha — disse Tia Lucia, com ineffavel emoção. Lê.

— "Primeiro presente de "Florisel", no primeiro anniversario do nosso casamento".

— Agora as outras — accrescentou Tia Lucia.

Pela ordem respectiva, foram abertas as quatro restantes que, contendo o mesmo, diziam o correspondente por sua ordem.

— Maria, como que interpretando o desejo de todas, perguntou:

— Que significam essas caixas e essas petalas?

— O que fez "Florisel" na noite anterior ao meu desmaio. Lê isto — disse, entregando a sua filha um

envelloppe manchado pelo tempo, e que continha uma carta.

— Quiz que estas linhas acompanhassem a ultima caixa para que no ditoso lustro do nosso amor saibas o mysterio das rosas-chá, dessas felizes rosas-chá que serviram para abrir-te o meu affecto. Fui eu quem na noite anterior, á luz da lua, desfolhei as cinco rosas até deixar o seu coração, pallido por não ter sido beijado pelo sol. E fui eu quem, na ultima, a mais alta e maior que se inclinava devido ao peso, ao ver, como em verdade, ao despojal-a das suas petalas rubras, ficava parecendo a tua figura suave e delicada, puz nella um beijo apaixonado que se pudesse transmittir ao aspirares tu o seu delicado perfume. Não sei se foi por isso que desejava ou por causa de te ferires com o espinho, mas cahiste docemente em meus braços, dando-me a ineffavel dita de te poder soccorrer. Agora, já sabes o mysterio das rosas. E sabes tambem que só póde fazer sortilegios o amor que brota do mais recondito das almas. Guarda sempre estas caixas como lembrança do despertar do nosso amor florido".

— Que lindo! Que galanteria delicada! Vale mais a realidade do que o conto — disse Esther.

Todas assentiram. E Tia Lucia, sorridente, deu a cada uma uma petala da quinta caixa, á que correspondia a rosa do beijo apaixonado, dizendo:

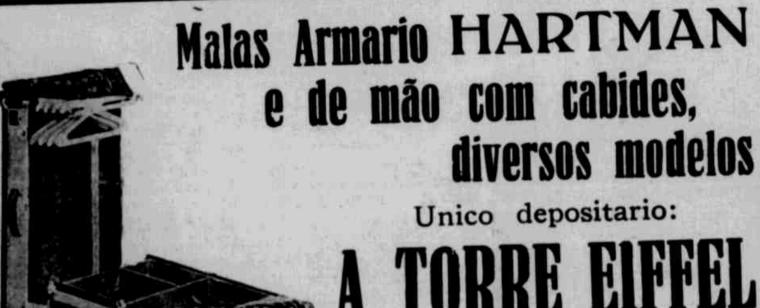
— Como um talisman feliz. Elle lhes dará sorte no amor, como me deu tambem naquelle tempo...

As "tres pombinhas" riram com satisfacção. Ella, não. Novas lagrimas, tristissimas, cahiram dos olhos da "pallida princeza"; mas dessa vez, ninguem as viu, nem mesmo as tres felizes rolinhas... Para que?...

TRADUCÇÃO DE ANELÊH

Geny Valente, intelligente alumna da Escola de Commercio Amaro Cavalcanti.

ACERCA DE SHAMPOOS

Ha um sem numero que pódem ser qualificados como bons inocuos e máos. E' impossivel que uma marca de shampoo possa ser apropriada para cada uma das differentes especies de cabello. Em alguns casos elle tira muito do azeite natural; em outros, demasiado pouco. As pessôas de cabello claro têm necessidade de um shampoo mais suave que as de cabello escuro. O logico, pois, é que cada um prepare o seu proprio shampoo, graduando-lhe a força de accordo com as necessidades do seu cabello. Como uma planta em terra fertil e bem cuidada, o cabello crescerá abundante e formoso se fôr cuidado apropriadamente; porém se se abusa delle, como fazem muitas mulheres, que o lavam com fortes soluções alcalinas, acontecerá o mesmo que se atirasse um veneno destinado a cardos sobre uma planta delicada. Antes de concluir, devo advertir que o meu pharmaceutico me recommendou o emprego do stallax simples, em logar dos shampoos em pó, já preparados; e devo informar que esta substancia resulta ideal para o fim indicado. Faz com que o cabello se torne suave e ondulado.

PREMIO DE UM GRANDE AMOR

Toda a ventura é vã. Do castello nevoento
architectado ao som de doces cavatinas,
nem alicerces mais! — Castello luctu'ento
que, hoje, dormes no pó de tuas proprias ruinas!

Nem poderias ser, rasgadas as cortinas
da chimera fallaz o delirio cruento
de homem cégo e sem luz que, com as mãos assassinas
a rosa da illusão despetalasse ao vento!

— Basta de sonho, basta. Encara a vida e scisma.
Toda a grande paixão nunca perde os seus rastros.
fazendo-nos amar, depois, sob outro prisma.

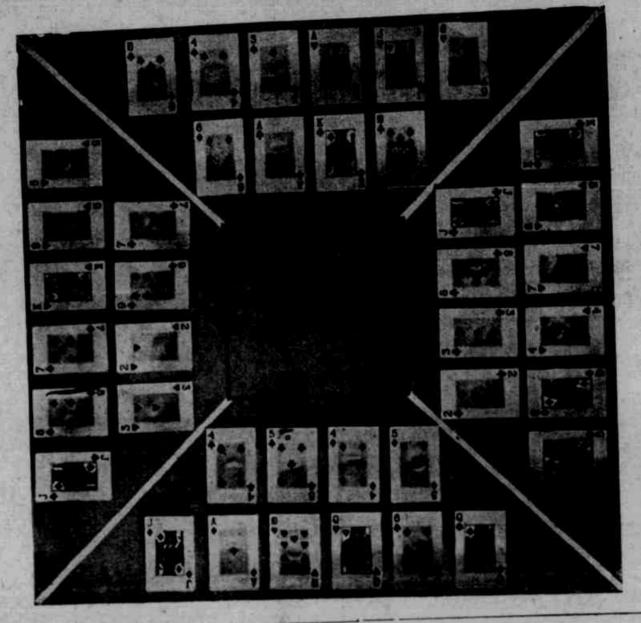
E quem soffreu nem crê na Ventura esmoler
porque, se alto se a'çou, quasi attingindo os astros,
traz comsigo uma dor e um nome de mulher.

PAULA CHAVES

PROBLEMA N. 4

Solução do Problema N. 3

1. A Rei de ouros, Y 2 de ouros,B 8 de ouros, Z 3 de ouros.
2. A 6 de ouros, Y 10 de ouros, B Valete de ouros, Z 5 de ouros.
3. B Az de ouros, Z 7 de ouros, A 9 de ouros, Y Dama de ouros.
4. B Dama de paus, Z Valete de paus, A Az de espadas, Y 5 de paus.
5. B 8 de paus, Z 6 de espadas, A 6 de copas, Y 7 de paus.
6. A Valete de espadas, Y 10 de espadas, B Dama de espadas, Z 7 de espadas.
7. B 5 de espadas, Z 9 de copas, ou Valete, A 10 de copas ou Dama, Y 4 de copas e 5.

Se Z cortar a 5ª vasa, A recorta, e puxa duas vezes trunfo.

Trunfo é OUROS.

A joga e não cede nenhuma vasa, contra qualquer defesa dos adversarios.

Solução no proximo numero.

"PARA TODOS..." EM SANT'ANNA DO LIVRAMENTO — R. G. DO SUL —

Senhorinhas Judith Echevarria, Julieta Alvarez, Luiza Cassales e Lenira Alvarez.

"PARA TODOS..." EM CAXAMBÚ

Srs. Ademar Britto e João de Freitas Lins e suas Exmas. familias, residentes em Recife, Pernambuco.

A PEDRA POMES -- accessorio importante da Belleza Feminina

Em barras de sabão, pó ou sob a fórma de pedra, serve para grande numero de propositos na toilette feminina

POR
JOSEPHINE
HUDDLESTON

PARIS, -- 1930

A pedra pomes, já em pó, já sob a fórma real de pedra, constitue um dos mais valiosos e interessantes accessorios que podem existir no culto da belleza moderna. Sei que ha muitas pessôas que não conhecem o real valor da pedra pomes, outras ha que ouviram noções vagas a respeito. De maneira que da minha parte tenho o maior interesse possivel em proporcionar algumas informações a respeito.

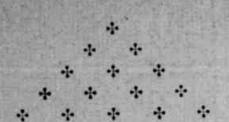
A pedra pomes empregada para a limpeza da pelle. Usemol-a em pó, misturada com peroxydo e com limão.

Ordinariamente somos inclinadas a acreditar que a pedra pomes seja um deposito petreo, mas esse não é o caso real. A sua origem é positivamente vulcanica. Parece que durante a erupção do vulcão, globulos de vidro são atirados a distancia cheios de agua. O calor terrivel transforma a agua em vapor, ficando unicamente o deposito petreo.

Ha varias especies de pedra pomes, em se tratando do seu uso commercial.

Assim, ha a pedra pomes pura, que deve ser posta de môlho durante vinte e quatro horas antes de ser usada. Ha a pedra pomes sob a fórma de pó. Tanto uma como a outra variedade servem admiravelmente para tornar lisos os cabellos. Sei de muitas moças que resolveram o problema das suas cabelleiras removendo os cabellos inuteis com uma Gillette e depois esfregando, diariamente, uma pedra pomes sobre o logar donde os cabellos foram retirados, usualmente um pouco antes do banho. E' importante isto, porque a pedra pomes, quando de môlho durante vinte e quatro horas, não tem a propensão de arranhar a pelle, como acredita muita gente.

Assim se póde resolver, de uma maneira geral, a questão da eliminação de

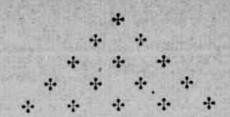
A gravura mostra como se deve passar sobre a pelle dos dedos para retirar toda a sorte de manchas.

pellos e cabellos superfluos, mediante o emprego constante dessa pedra.

Outro emprego muito importante que têm as pedras pomes: remover as callosidades das mãos, dos pés e dos cotovellos. Nesse caso, a pedra pomes deve ser sempre empregada depois de lavadas essas regiões do corpo, deixando-se-lhes por cima uma camada de sabonete.

Nesse tratamento, tudo depende unicamente da perseverança. Mercê della, tudo se consegue.

O tratamento deve ser feito diariamente, para que as callosidades realmente desappareçam.

Para retirar callosidades das mãos, dos pés e dos cotovellos, passar diariamente a pedra pomes

O limão accrescentado á pedra pomes é particularmente util na remoção de manchas de frutas ou verduras dos dedos.

As manchas de tinta de escrever, que mareiam ás vezes, as mais bellas mãos, são também removidas por esse processo e de uma maneira verdadeiramente milagrosa.

Quando se tratar de manchas antigas de tinta indelevel, não ha como empregar as pedras pomes com um pouco de peroxydo.

A pedra pomes em pó, extremamente migada, e, por conseguinte, finissima, serve admiravelmente para tirar manchas dos dentes.

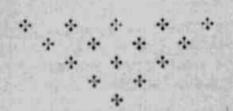
Assim se clareiam os dentes, sem que o esmalte delles seja offendido.

E' preciso, entretanto, que essa pedra em pó seja reduzida a um pó extremamente delicado.

A escova que deve ser empregada na limpeza dos dentes, deve ser molhada numa agua misturada com sumo de limão.

Por isso, nenhuma senhora que se interessa pela sua belleza, não deve deixar de possuir a pedra pomes, sob fórma de pedra ou de pó.

A pedra pomes em pó é um dentrificio admiravel. Passar a escova devagar

Novidades

FIGURINOS

Moda e Bordado — O melhor figurino e o maior guia do lar, que se edita no Brasil. Artisticamente impresso em cores, com 120 modelos parisienses, lindos riscos para bordados á mão e á machina, além de contos, receitas da arte culinaria, conselhos sobre belleza esthetica e elegancia, etc. Preço 2$500. Pelo correio 3$000.

Paris Elegante — Um dos melhores jornaes de modas, com lindos contos e paginas coloridas.

La Femme Chic — Trazendo as ultimas creações, com varias paginas a côres.

Chic Parisienne — Creação das melhores casas de Paris, Vienna, etc. Innumeras paginas com modelos coloridos.

La Mode Parisienne — Figurino de grande formato, trazendo uma folha de riscos para cortar moldes.

Modas y Pasatiempos — Bom figurino, apesar do seu baixo preço. Traz folha de riscos para cortar moldes, riscos para bordados, arranjos de casa, etc.

Record — Lindo figurino, de pequeno formato, colorido, com folha de riscos para cortar 4 moldes para senhoras e 1 para creança.

Revue des Modes — Figurino de pequeno formato, com varias paginas a côres, trazendo folha de riscos para moldes.

Weldon's L. Journal — Com moldes cortados dos modelos da capa, trazendo a descripção dos modelos em varios idiomas, inclusive o portuguez.

Paris Mode — Edition Gaston Drouet, de Paris — com varias paginas coloridas, trazendo um molde cortado.

ALBUNS DE GRANDE FORMATO PARA VERÃO — 1930

Saison Parisienne — Revue Parisienne — Grande Revue des Modes — Toute La Mode, création Gaston Drouet, com lindos modelos — **Album Pratique de La Mode — La Mode de l'Eté — La Parisienne — Les Patrons Favoris — Juno Astra — Juno Splendide — Fashion Quartely — Butterick Quartely — Weldon's Catalogo Fashion — L'Elégance Féminine**, lindo album todo colorido.

FIGURINOS PARA CREANÇAS

Weldon's Children's, com moldes cortados — **Paris Enfant — Les enfants de la Femme Chic — Enfant Juno — Jeunesse Parisienne — La Mode Infantile — Enfants des Jardins des Modes — Star Enfant**, com lindos modelos para a estação.

FIGURINOS PARA ROUPAS BRANCAS

Lingerie des Jardins des Modes — Lingerie Elégante — Lingerie de Juno — Lingerie de La Femme Chic, etc.

Nossos amaveis freguezes poderão honrar-nos com o prazer de sua visita, pois, além destes, possuimos innumeros outros jornaes de modas, sendo impossivel enumeral-os todos. Grandes sortimentos de jornaes para bordados. Albuns para filet, tricot, crochet, Modèles des Ouvrages, etc. Apesar do grande augmento soffrido em quasi todas as publicações estrangeiras, continuamos a vender o nosso artigo pelos preços antigos.

ULTIMAS NOVIDADES EM LITERATURA

FRANCEZA — Maurice Barrès, **Un jardin sur L'Oront**; Ernesto Perochon, **Les Creux des maisons**; Georges Sim, **La Femme qui Tue**; Maurice Barrès, **Mes cahiers**; Alexandre David, Noel — **Mystiques et Magiciens du Tibet**; Octave Honberg, **L'Ecole des colonies**; etc. **Collection La Liseuse**, temos todas as obras publicadas.

HESPANHOLA — V. Stefansson, **Un año entre esquimales**; Antonio Espina, **Luiz Candelas, el bandido de Madrid**; Pierre Loti, **Pekin**; Juan Zorilla, **Los principes de la literatura, La mode Siglos XIX-XX**; Martins Gusman, **La sombra del caudillo**; Gerhard Rohlfs, **Através del Sahara**; etc., etc.

PORTUGUEZA — Orlando Rego, **Manual do Charadista**; Britto Pereira, **Contabilidade de conta corrente**; Alice Leonardos S. Lima, **Ouvindo Estrellas**; Malba Tahan, **Lendas do Deserto**; Ardel, **Coração de Sceptico**; Claudio de Souza, **De Paris ao Oriente**; Peregrino Junior, **Pussanga**; G. Acremente, **Serracena**; Jugurtha C. Branco, **O Brasil em Cuecas**; Cervantes, **D. Quixote de la Mancha**, obra de grande vulto, com illustrações de Doré. Publicados 1º e 2º fasciculos. **Historia da Literatura Portugueza**, publicada sob a direcção de Albino Forjaz Sampaio. Publicado o 1º volume.

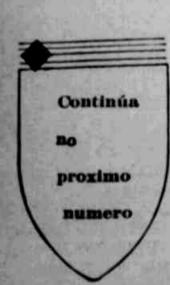
A correspondencia do interior deve vir acompanhada do sello para a resposta e dirigida directamente á

CASA BRAZ LAURIA
RUA GONÇALVES DIAS, 78
Telephone 2-5018 Rio de Janeiro

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

o

BEETHOVEN tinha um amor profundo á natureza sob todos os seus aspectos, — as collinas onduladas e as regiões cobertas de florestas, as aves, as flores e as abelhas. Grande parte da musica da sua unica opera "Fidelio" foi composta durante o tempo em que se sentava no jardim real de Schoenbrunn entre dois Loureiros.

QUANDO Beethoven compunha nos seus aposentos ficava como louco, em um continuo estado de excitação nervosa. Batia com as mãos e com os pés. Finalmente o seu cerebro ficava tão encandecido que elle mo'hava a cabeça com agua de um jarro afim de acalmar-se.

A A mais famosa canção de Beethoven, "Adelaide", desagradou de tal maneira o proprio compositor que elle queria destruil-a. Foi salva do fogo por um visitante que chegava nesse momento. O visitante ficou tão impressionado com ella que a guardou.

A A mais celebre phrase de toda a musica é o grupo de cinco notas existente no começo da Quinta Symphonia Beethoven, que se vê no desenho acima. A phrase suppõe representar a mysteriosa figura do "Destino batendo á porta".

Para todos

UM FACTO QUE NÃO OCCORREU.

— Diario Official! Trazendo todas as Missas!

A PROPOSITO DE AGOSTO

Job Freire

AGOSTO ia chegar. A's 11 e meia da noite de 31 de Julho fômos esperal-o na gare da Estação do Inverno. Gente pra burro! O vento frio comprimia a multidão, em attritos repetidos e incontidos. (Em dadas recepções, Freud teria opportunidade pra novos exemplos colher em abôno de sua theoria). Meninos e meninas, destilando alegria pelos olhos, gritavam de quando em quando: "Que bom, mamãe!... Elle vae trazer pra nós uma porção de papagaios... ih!" Uma senhora idosa, abeirando os seus 68 bem puxados, uma das taes que vêm ao mundo com o asqueroso papel de difamar o seu semelhante (semelhante... virgula!) confidenciou á companheira: "Ah!... Hoje de manhã não posso viajar, como desejava... Esse diabo traz azar!" Torceu pra direita o nariz por onde escorriam grossas bagas de rapé em suspensão gomosa... Bachareis cochichavam ante-gosados contentamentos das férias proximas. Medicos lançavam olhares pouco esperançosos para os dias a vir. O frio lhes dá mais doenças, e é bem verdade que os doutores vivem da infelicidade alheia... Que batutas, hein?!

Quando um minuto faltava para a chegada de Agosto, o meu companheiro, poeta inveterado em versos antigos, teve a phrase: "Vamos ter bellos dias e lindas noites". (Elle falou porque havia um reporter bem pertinho, e no dia seguinte o seu nome sahiria cheio de elogios, etc., e tal).

De repente, ouviu-se ao longe o sibilar da machina. (Quem negará que o vento seja uma esplendida machina?) "Lá vem elle!... Lá vem elle!..." Todos os olhares se encontraram no angulo de uma pyramide hipotetica, suspensa obliquamente ao longo da estrada comprida. (Fui pessimo alumno de geometria. Graças a Deus!) Fazendo piruetas dentro de uma enorme espiral de nuvens morenas, que se approximavam velozes ao sopro de ventos possantes, Agosto chegou. Veiu bonitão, robusto, satisfeito, feliz, contente... (Você poderá accrescentar outros adjectivos que signifiquem a mesma coisa, sim?) Trajava elegantissimo paletó azul marinho de casemira finissima. Chapeu de feltro muito leve cobria lhe a cabeça respeitavel, assim como lhe ornava o pescoço excellente gravata americana do Rio de Janeiro. (Sim... é logico... estava de collarinho...) Trazia bengala de junco, annel de platina com pedra de brilhante, etc. etc...

Depois das saudações protocolares, cada um dos manifestantes se recolheu ás suas respectivas residencias.

De manhã cedo, a cidade surgiu clara e linda. Sol na terra, azul no ceu, papagaios cheios de sol e de azul no ar...

A velhota do rapé não fez a projectada viagem. Em compensação fracturou a base do craneo, quando seus pés amassaram uma casca de bananas que um garoto, desconhecendo a prophylaxia do tombo, deixara na calçada.

Os medicos trabalharam muito e ganharam dinheiro. A velhota morreu. O advogado fez o inventario, e ficou muito contente. O poeta construiu varios sonetos (sonetos, santo Deus!) de todas as côres, de pé quebrado, de pé sem quebrar... e eu, por minha vez, dei uma esplendida gargalhada! Os namorados (que esqueci de botar atraz) tornaram-se noivos.

... Depois, ainda falam que Agosto traz azar. Diga-me, com franqueza: "Você acha que a morte de uma velha de 68 annos, rapezeira, cacetissima, difamadora... seja infelicidade?"

Você, Agosto, presado amigo, deve perdoar aos supersticiosos. São espiritos retrógados, ignorantes, que, por descuido, ficaram occupando um logar entre o *homo sapiens*. Perdoe... perdoe... foi um cólhido de Lineu...

O paiz basco não está por descobrir. A sua voga, que data do *Ramuntcho* de Loti, tem crescido de anno para anno; e póde-se dizer, sem exaggero, que elle se tornou, pelo menos no littoral, de Hendaye a Baynonne, uma especie de immenso Deauville. O espirito do passado retirou-se dessa região que fórma terraço sobre o oceano. Os *dancings*, as *garages*, o *jazz* o afugentaram.

Mas, pouco, a pouco, foi-se creando uma outra vida que não é sem attractivo. As casas côr de rosa com pateo, inspiradas na mais romantica Hespanha e as casas de madeira que são as do paiz; os fandangos que rythmam os jarretes ligeiros dos indigenas, as orchestras negras que não páram de espalhar na atmosphera a sensualidade dos tangos; os terraços onde passeiam homens e mulheres aos quaes um ar dolente, um languor de expressão e de gestos dão o aspecto de figurantes encommendados para se juntarem á indolencia do scenario; as opposições que se encontram tanto nas coisas como nas creaturas; o luxo e o superfluo que andam em profusão pelo ar; os modernismos que berram em côres vivas no quadro archaico do velho paiz, creando uma poesia que, por ser artificial, não é menos real. Hespanha, ilha do Pacifico, exotismo ao mesmo tempo barbaro e feerico; lá não se sabe ao certo onde se está. Aquellas misturas acabaram por compôr a grandiosa paysagem, formando um ambiente, um aspecto, um sabor, talvez, unicos na Europa.

Mas quem quizer conhecer o verdadeiro paiz basco, o seu rosto nu, o seu pittoresco sem misturas, o pequeno paiz basco de *Ramuntcho*, não precisa ir muito longe. Elle está no interior, a dois passos dessa orla brilhante que é a costa. Estende-se de Arcangues e Saint-Jean-Pied-de-Port, entre Mauléon e Béhobie. Lá, deitadas aos pés das montanhas, alongadas á beira dos rios; plantadas nos flancos das collinas, espectadoras impassiveis e mesmo desdenhosas da vida formidavel, cujos autos fazem estremecer as estradas, offerecem as aldeias, desde que as transpomos, scenas que mostram a immutabilidade. A vida dessas aldeias, onde o movimento não se assemelha em nada ao movimento da vida noutros logares, concentra-se em torno dos mastaréos, que são, mais ou menos, como o jogo da péla na antiga França, dos frontões, das igrejas e dos *cabarets*.

Esses centros da existencia dos bascos entraram na litteratura graças ao genio de Loti. A arte graphica: agua-forte, desenho, lithographia, fixou-os de maneira incompleta. Pintores como Bergés, Calame, Arrué, Pierre Labrouche, Jacquemin, para só falar nos mais conhecidos, exprimiram o paiz basco, porém de fórma fragmentada e principalmente nas paysagens. Um artista com uma força e uma fecundidade espantosas, — J. — P. Tillac, desenhista, gravador, illustrador, fixou as scenas e os types do paiz basco com uma tal minucia e uma tal perfeição que a sua

obra, na qual se sente no minimo traço essa intensidade de vida sem a qual um desenho, uma gravura não são mais do uma vulgar photographia, offerece o mais magnifico e completo documento que se poderia desejar sobre o extranho e seductor paiz.

Embora eu o habite ha mais de trinta annos e quasi sem interrupção, pois uma invencivel nostalgia me faz voltar cada vez que me afasto, nunca encontrára Tillac, nem mesmo nessas casas onde se vêem todos aquelles que a celebridade prestigia: antes em Hendaye na casa de Loti, em Cambo na casa de Rostand, como hoje em Hasparren na casa de Francis Jammes. Só ultimamente foi que o acaso, num dos meus passeios por Cambo me conduziu, com alguns amigos, á casa de Tillac. Ao fundo de uma alameda de velhas arvores, dois quartos, ou mais precisamente, duas cellas. Nada denunciava um *atelier*. Nenhuma claraboia. Nenhum cavallete. Nem *bibelots* nem cortinas. Nada mais do que um insignificante mobiliario: muitas commodas, uma secretária, um alto armario, cadeiras de cozinha, um despertador; nas paredes, nada. Mas, elle abriu o alto armario, puxou as gavetas das commodas: então, explodiu em nós uma surpresa deslumbrada que nos prendeu attentos durante horas.

O que elle tirava das pastas empilhadas no armario e nas commodas era espantoso! Pelos dois quartos, nas cadeiras e nos nossos joelhos uma formidavel inundação de desenhos realçados com toques de vermelho ou de ouro, sanguineas, lithographias, aguas-fortes pretas e aguas-fortes coloridas. Diante dos nossos olhos embasbacados passaram, durante quatro horas, visões fascinantes de imaginação, profundas de verdade do paiz basco, suas scenas e seus typos: os mendigos pelas estradas, os homens na igreja, as corridas, as dansas; e tambem da Hespanha que Tillac habitou: Madrid, Toledo. De dentro de uma caixa elle retirou para nos mostrar uma série de aguas-fortes destinadas a illustrar a "Vingança do condor", de Ventura Garcia Calderon, das quaes não será de mais dizer que estão no nivel dos desenhos de Dürer, Callot, Goya, Zurbaran, Daumier, Doré penso, formaram, mais ou menos, esse talento ao qual veiu juntar-se qualquer coisa que é bem da nossa época nervosa, frenetica: o desejo desesperado de apanhar os rostos, as attitudes no instante furtivo em que se revela o interior dos sêres.

Os cabarets bascos

— Quantos desenhos, aguas-fortes e lithographias tem terminados? perguntou um de nós.

— Quatro mil.

Que eremita encerrado no seu trabalho, ardendo no fogo sagrado da sua arte, — pensámos ao sahir dos dois quartos, — este homem que fecha assim o seu thesouro!

Numa época em que se publica o primeiro romance, ou se expõe o primeiro quadro entre doze e quatorze annos, não é extraordinario que um artista de quarenta annos e cuja obra é essa quantidade e dessa qualidade tenha tido tanto heroismo e tanto desdem para guardal-a nas suas gavetas?

Mastaréos, dansas, mendigos, corridas, igrejas, *cabarets*.

O *cabaret* no paiz basco não é exactamente como nas outras terras. Tem uma physionomia propria que o distingue dos demais. Quem diz *cabaret*, diz logar onde se vae para beber e comer. Elle é tambem isso no paiz basco, mas é sobretudo um logar onde se vae pelo prazer unico da reunião. Aliás, já que falo em beber e comer, não é sem interesse accrescentar que no paiz basco a mesa é muito secundaria. Come-se sem gula...

O basco não é muito propenso ao prazer de fazer comezainas e o *cabaret* não é para elle o santuario consagrado á comida; por isso o frequenta, frequenta-o mesmo muito. E não é de espantar. Pois é o unico meio de encontrar os semelhantes.

Para vêr esses *cabarets*, no seu aspecto mais interessante, é preciso visital-os num domingo e escolher de preferencia os das aldeias situadas entre Cambo, Mauléon e Sain-Jeán-Pied de-Port. E foi nos *cabarets* dessa região — o coração do paiz basco — que Tillac encontrou os seus typos mais representativos. O domingo nas aldeias tem tão grande prestigio para aquelles que vivem trabalhando nos escriptorios, entregues ás suas occupações, como para o collegial; mas esse prestigio é ainda maior para aquelles que moram nos logares desertos, longe não sómente dos trens, mas tambem das agglomerações. Perdidas na montanha ou nos valles, isoladas umas das outras, as casas dos bascos são verdadeiros eremiterios onde não chega nenhum rumor da vida exterior e ainda mais isoladas pelos caminhos que, no bom tempo, estão cheios de cascalho e, com chuva, se tornam verdadeiras torrentes. Durante a semana os habitantes ficam quasi tão afastados do mundo quanto os guardas dos pharóes no mar alto.

Vem o domingo e eil-os libertados. Quem num domingo, ao amanhecer, atravessar uma

Por

PAUL FAURE

Illustrações de

J. P. TILLAC

das aldeias rodeadas de encostas e de montanhas, incrustadas de granjas, verá pontos escuros descendo pelas collinas. São os bascos que se dirigem para as aldeias em busca das grandes attracções dominicaes: o frontão, a igreja, o *cabaret*. Isso póde parecer chocante, misturar o profano com o sagrado. Erro! Aos olhos de um basco, as libações no *cabaret* são, como a partida de bola, a missa solemne e a benção, ritos seculares que se realizam com um enorme fervor mais ou menos familiar e que constituem uma homenagem á tradição. Assim como o espirito que reina nos *cabarets* bascos não tem nada de commum com o dos demais *cabarets*, o aspecto tambem differe. Nenhum enfeite berrante, nenhuma gravura canalha nas paredes. E' geralmente uma vasta sala, baixa, com grossos barrotes no tecto e cal nas paredes. O mobiliario: bancos e mesas de madeira massiça. O proprietario, sereno. Um silencioso e honesto homem que algumas vezes é tambem sacristão e muitas o chefe do municipio.

Dizer que os bascos vão ao *cabaret* unicamente para se reunirem e que não bebem seria exaggero.

Bebem com vigor. Poucos aperitivos. Sobretudo vinho. Elles têm um delicioso: o "ironléguy", que preparam numa aldeia do mesmo nome, nos arredores de Saint-Jean-Pied-de-Port. Vinho suave, com gosto de flor que, bem apresentado, com uma etiqueta vistosa, seria vendido caro nos grandes restaurantes. Mas, por desprezo pelo dinheiro, não se dão ao trabalho de o tornar conhecido e o consomem lá mesmo sem dar tempo que envelheça.

Domingo! O amanhecer! Chova ou não, os bascos põem-se a caminho das aldeias. Uns vestidos — mas a moda desapparece — com a "chamarra" que é uma blusa pregueada, incrivelmente curta, com tanta roda que dá um aspecto de balão áquelle que a veste; outros com um casaquinho preto; todos com o classico "béret", camisa de gola branca sem gravata e calçados com alpercatas. Descem no passo leve de gymnastas e montanhezes, interpellam-se de atalho em atalho, cantam, gritam; e é com gritos e risos que se abordam chegando ás aldeias.

Não se viam havia uma semana, mas tão monotona foi a semana que parece terem passado mezes!

No *cabaret* o dia começa por um café com leite. Só depois da missa, á qual cada um assiste no mais religioso silencio, é que o espectaculo se torna curioso. Os litros de vinho circulam, as alegrias inflammam-se A missa alongada por um sermão dura uma hora. A longa immobilidade é naturalmente seguida de movimentos e de gritos. E assim sahem em busca uns do jogo da bola, outros do *cabaret*. Os bancos dispostos em torno das mesas que lembram a da "Ceia" de Vinci, são occupados num instante.

Um *brouhaha* de alegres assaltantes, em que se entrechocam os risos e as canções entoadas pelas vozes possantes dos que têm o habito de cantar ao ar livre, no espaço sonoro dos valles e das montanhas.

Sôa meio-dia. Todos os ruidos cessam instantaneamente. Todos se levantam para recitar o "Angelus"; segue-se o almoço nas casas para os que moram na aldeia, no *cabaret* para os que moram longe. A's 2 horas, a benção que enche completamente as igrejas; ás 4 horas a sahida do officio; e de novo o *cabaret*, mas dessa vez para uma permanencia ininterrupta que se prolonga até tarde da noite.

Nas cabeças já esquentadas, as exuberancias augmentam. A fumaça do *caporal* inunda a atmosphera, o vinho os copos. Falam, interpellam-se com vozes agudas, mas, principalmente, cantam, cantam em côro, infatigavel e unicamente essas melodias, sempre as mesmas que as gerações se transmittem e que guardam, na melancolia, na lentidão embaladora, toda a doçura e toda a poesia da patria basca. Alguns bebedores — mas é excepção — jogam o "mousse", especie de poker,

ou conversam reservadamente; o que não é de boa politica!

Não vendo, senão raramente, o além das montanhas, lendo poucos jornaes, os themas das conversas são restrictos, repetem-se indefinidamente: scenas de mercado, partidas de bola. Com isso mesmo, com menos que isso, encontram meio de falar durante horas. A mais ingenua farça evocada pelos inexgottaveis palestradores os diverte loucamente, faz explodir a alegria em formidaveis gargalhadas. Alguns, um pouco afastados, conversam em segredo: contrabandistas, praticam o contrabando, bem mais pelo gosto da aventura do que pelo lucro, combinam bons golpes dos quaes muitas vezes participa o chefe da municipalidade que, encarregado pela lei de impedir o contrabando, é impellido pelo seu atavismo de basco, inimigo irreconciliavel da alfandega, a favorecer.

A' medida que a hora avança, a fumaça do *caporal* fica mais espessa, o vinho mancha as mesas; ás vezes, uma porta se abre; um homem apparece com um *accordéon*. Sob os seus dedos o instrumento se estira, como uma enorme lagarta. Os sons, com a velludez nasal do harmonium, enrolam-se em torno de um fandango. Irresistivel chamada! Os bebedores, mais ou menos solidos sobre as pernas, levantam-se e dansam.

Batem 10 horas, é preciso partir; a casa fica longe; e, para a volta o dobro do tempo gasto pela manhã, na vinda, não será muito.

Separam-se com interminaveis apertos de mão, com interminaveis tapas no ventre, interminaveis despedidas. E partem para as trevas! As trevas espessas e muitas vezes humidas da chuva, que não deixam ver a um metro de distancia. Não importa! Caminham cantando e com um passo leve, acostumado a subir. A dispersão daquelles homens na noite é commovente. Cada um vae isolado. As canções apagam-se na distancia. De repente, um grito sobe, immenso, prolongado, estridente, agudo; é o "irrintzina"; o grito millenar dos bascos, que nunca se soube o que exprime; nada de preciso, tudo e nada, a alegria, a angustia, o prázer de viver, a embriaguez que faz desabar o silencio.

Emocionantes subidas nas noites de domingo! Não são sempre sem perigo. O "ironléguy", circulando nos corpos, torna as pernas molles, põe nevoas nos olhos, destróe nas cabeças o senso da direcção e da linha recta.

Assim se explicam as cruzes de pedra que apparecem, em tão grande numero pelas quebradas dos barrancos. "Passante, — diz a inscripção, — páre e reze por um tal que encontrou a morte aqui na noite de..."

Pontos de divertimento dos habitantes da região, os *cabarets* bascos offerecem, aos domingos, o mais completos espectaculo. Entretanto, durante a semana, não são sem interesse. Desenrola-se nelles uma vida preguiçosa, extremamente provinciana, cheia de pequenas scenas comicas ou tristes. Evocando-as, uma recordação vem bruscamente á minha memoria e me faz rir com trinta annos de distancia. No tempo em que Loti escrevia *Ramuntcho*, eu o acompanhava aos albergues onde elle ia para se documentar sobre a existencia dos jogadores de bola e dos contrabandistas ou, mais exactamente, para penetrar naquellas vidas com os olhos, os ouvidos, o nariz, pois nunca tomava notas. Num albergue entre Sare e Ascain, onde nos hospedámos, morava um bufarinheiro basco que, possuidor de um magnifico presunto de Bayonne, havia, segundo o uso, dependurado esse presunto numa das traves da cozinha. As suas discussões com a familia do dono do albergue, da qual partilhava as refeições, eram numerosas e as brigas frequentes. Ora, cada vez que brigavam elle retirava o presunto, com uma grande compostura, guardava-o preciosamente no quarto, para o dependurar de novo depois da reconciliação. Isso divertia immenso Loti.

Essa raça ao mesmo tempo austera e alegre, essa raça singular que não se parece com nenhuma outra em nada, ninguem soube olhal-a e exprimil-a melhor do que Tillac. Esses homens cujos rostos carregam, misturados, a gravidade que lhes põem as longas horas passadas na igreja ou na solidão das paysagens desertas e o ar infantil daquelles aos quaes a simplicidade da vida dá o poder de se alegrarem com pequenos nadas, — eil-os fixados na sua profunda humanidade por esse grande artista.

SOBRE O CINEMA FALADO

Em Hollywood: — Maurice Chevalier, completamente entregue ao cinema sonoro, e Ernesto Vilches, o grande comediante hespanhol que já começou a falar em films e que ahi está caracterizado no papel principal de "Grumpy". Junto com elles o escriptor francez Battaile-Henri, autor da adaptação do "Petit Café" de Tristan Bernard para uma producção americana com imagens e palavras...

Os poetas são creaturas que, como o commum dos mortaes, se exprimem por meio de palavras; mas dão ás phrases curvas particulares. Em resumo, elles se dirigem ao espirito por intermedio do ouvido. Mesmo no silencio do gabinete, lemos, de certo modo, os versos pelo ouvido.

O cinema se exprime por meio de imagens successivas que tentam tocar o espirito pelo caminho dos olhos. Enxertem uma retina no meu ouvido e um nervo auditivo no meu olho e nos entenderemos facilmente. Do momento que se tenta seduzir a vista, parece-me bem pedir conselhos aos artistas amigos dos olhos, quero dizer aos pintores, aos esculptores; aos architectos. Responderão que elles traduzem apenas uma realidade immovel.

Bem sei que se trata do *cinema falado*, que ao mesmo tempo, visa o ouvido e o olho, para attingir, por esse duplo caminho, ás regiões do pensamento.

Seria preciso, para obter uma resposta proveitosa, interrogar um homem que, sob o seu chapéo abrigasse a cabeça de Miguel Angelo e a de Molière.

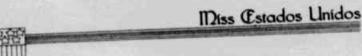
E' uma especie de mortal muito rara... Perdoem-me pois guardar um silencio prudente.

Sei apenas tocar uma flauta humilde, exaltando caramujos que não me escutam e que não estão acostumados a ir ao cinema, mas que, á maneira dos philosophos, sabem penetrar nelles mesmos.

TRISTAN DERÊME

Miss Russia

Miss Estados Unidos

Miss Turquia

HISTORIA DE ABELHA

PARECIA uma abelha. Era possivel que não fosse, tão complicada e varia é a bicharada do Senhor. A côr, na verdade, não tinha nenhuma semelhança com a das abelhas mais originaes que conhecera, um castanho-escuro, carregado, esclarecendo um pouco para o ferrão amarello, de um tom vivo e aggressivo. E as listras? Sim, não esqueçamos as listras pretas, grossas, pelo corpo como anneis. Emfim, não é cousa incrivel haver abelhas extravagantes. Esta bem o poderia ser. Mas o tamanho?

Convenhamos que era do tamanho de um dedo, não digo que um grande dedo rude de trabalhador, mas um dedo pequenino, gentil, digamos logo, um dedo de mulher, o que não deixa de ser porte de sobra para uma abelha. Nada disso importa. Haverá quem negue neste mundo a existencia de abelhas descommunaes? As da Birmania, dizem os viajantes que por lá exoticamente andaram, são monstruosas. E não seria porventura esta uma abelha da Birmania, (possivelmente até da Transcaucasia, onde as ha tambem, já ouvi falar) uma abelha monstro, rara, excepcional, que só apparece por vezes?

Uma abelha, pois, o meu bicho, o dia era domingo, pela manhã, pouco passava das nove horas e eu ia para o banho de mar.

Acordara mal. Peor é que dormira tambem mal, não sahindo dos meus sonhos o fracasso dos meus negocios no sabbado. E' preciso accentuar aqui, que eu vivo do que me dá o impingir no commercio varegista uma quantidade razoavel de objectos, os mais diversos. Como se vê isto é um circumloquio, maneira floreada de me definir: sou um vendedor á commissão.

A minha venda falhara. — Quem não vende, não ganha — diz sempre, repleto de logica, para enthusiasmar a mim e aos meus collegas, o chefe da secção, exuberante e palavroso, que tem, para o objecto mais mesquinho, uma série de argumentos tão fortes e persuasivos, que deixam uma pessôa sinceramente admirada. Como é um pouco vaidoso da sua prenda, faz, de vez em quando, uma demonstração do seu methodo, para melhor aprendermos como se vence convenientemente a opposição de um freguez, que por qualquer particular razão dá a sua preferencia, e tem nas suas prateleiras, um artigo concurrente. A meticulosa exposição termina invariavelmente com uma phrase classica que tem um sabor pretencioso de infallibilidade: "Meus senhores, o freguez nunca tem razão".

E eu não ganhara. Meu freguez era cabeçudo, especie que meu insinuante chefe — tres contos por mez, ali na batata! — logicamente ignorava, quando elaborou a phrase-theorema base de todo um profundo systema de collocar productos no mercado. Em tempo, delicadamente, haverei de o pôr ao corrente dessa excepção do genero freguez, fruto modesto da minha pratica quotidiana. Agora só me resta lastimar o facto de não ter fechado o negocio, contando na certa o que é dez mil vezes mais horrivel. Seria regular maquia os vinte por cento, o mez está por dias, e as contas não tardarão a vir, da padaria, do armazem e da pharmacia. Não falei do senhorio, quasi fatal em enumerações dessa ordem, nem falo, pois elle que é um bom homem, um tanto sovina, vá, com uns modos rispidos mesmo a lidar com senhoras, não nego, mas um bom sujeito em summa, disse-me quando fui tratar a casa onde moro: — "Não é por desconfiança, e cofiava a barba rala que usa comprida por espirito de economia, é por costume, mas só recebo os meus alugueis tres mezes adeantados". Ando no meio de um dos seus precavidos e descansados trimestres.

Acordei mal, repito. O café pareceu-me requentado, o cigarro encheu-se de sarro ás primeiras tragadas. Acredito que fosse fresco o café e optimo o cigarro, o meu velho cigarro de todo o dia, barato, é certo, mas cujo sabor não troco pelos mais caros e finos que houver, e que, é interessante accrescentar, mais que o seu sabor me prende a sua caixinha dum escarlate e duns desenhos que me encantam singularmente. Era a bocca na certa, uma bocca amargosa...

Peguei o jornal. Comecei pela ultima pagina, que são noticias de ultima hora.

— O que?

Li outra vez. Não se enganaram os meus olhos. Morrera o Esteves, atropelado, na vespera, por um automovel, quando atravessava a rua Visconde de Itaúna. O jornal diminuiu a sua edade, a autopsia tinha sido feita — fractura da base do craneo, — o enterro estava marcado para as cinco horas, sahindo da residencia.

— Quando seria a missa? — foi o que primeiro me occorreu. Devia favores ao Esteves. Era um exquisitão o diabo do homem; magro, muito alto, escalavrado, uma perfeita tocha, e quer fizesse sol ou chuva, um eterno cache-nez preto á volta do pescoço, tão descarnado, que punha as cordoveias a descoberto. Morava com a familia, era solteirão, (casamento é muito bom, mas não foi feito para este seu creado, dizia) já ia para os quarenta, com um começo de asthma e a sua casa ficava para os lados do Andarahy. Quando seria? Contava os dias: morreu hontem, 7, hoje, 8, segunda, 9 terça... seria no dia 13. Mas em que egreja? Se fosse na zona delle era uma espiga. Ao enterro é que não iria, estava visto. Saberia me desculpar junto aos parentes, principalmente junto á Elizinha, uma pequena bonitinha, trefega, gaiata, que nem parecia irmã do Esteves: comprehendem, domingo, como não trabalho, não leio os jornaes. E' explicava: só leio no bonde, quando vou para o escriptorio, pois não tenho outro tempo. Assim...

Assim... assim... o diabo é que a missa seria em dia util. Manhã perdida. Poucas vendas. Era preciso forçar a freguezia, correr os suburbios, dar um repasso nas lojas de Madureira, ver se desencantava um tal de seu Arlindo, que promettera, de pedra e cal, pagar as duplicatas vencidas do Pirelli, um caloteiro que lhe passára a casa. Não ha por onde escapar: não iria ao cinema, ver a Greta Garbo, o domingo é que seria perdido e toca a acompanhar o Esteves — estava casando dinheiro como para o Cajú. E se não fosse? Que soffreria com isso? Pelo contrario, ganharia, porque a fita era muito falada.

O Antunes tinha elogiado: uma belleza! O Antunes era uma besta! Mas o Gomes, sim, o Gomes era um rapaz intelligente e tinha gostado, especialmente do pedaço em que ella mata o marido com um tiro, "um troço muito bem arranjado" — affirmára.

Lembrei-me do Esteves, da ultima vez que o procurei no escriptorio, muito sujo, muito escuro, num terceiro andar da rua Lêdo. Andava com uma grande affliccão no peito: — Parece uma garra, menino, mas é syphilis da bôa. A escada era lugubre, quasi ia cahindo, mas como me attendera promptamente: — Aqui, estou sempre, meu filho, é só pedir. Você manda.

Devia-lhe realmente muitas obrigações, immensos favores. A questão do fornecimento para a fabri-

Miss Cuba

Miss Allemanha

Miss Universo

Miss Brasil

POR MARQUES REBELLO

ca Estrella, a encrenca com o Paula, da firma Paula Sobrinho & Cia., que déra sumiço ás notas de entrega, e jurara que não tinha recebido a mercadoria. Tudo elle solucionara com geito e presteza, sem receber um tostão. E quando perguntei quanto lhe devia deu-me uma palmada protectora nas costas: "Ora, Antunes, (eu chamo-me Antunes) e você a pensar nisso. Vá com Deus, rapaz, e quando precisar..." e tirava pigarros asperos do fundo da garganta escangalhada pelo fumo. No emtanto, a Greta... Está decidido: vou! Mas que tinha de fazer o Esteves na rua Visconde de Itaúna, ás onze horas da noite? Olha que elle já não era nenhuma creança. Ia para os quarenta. Bem possivel que já tivesse lá.

Na pagina dos **sports**, recheada de **clichés** e entrevistas, a recapitulação da derrota da **équipe** brasileira no Uruguay foi-me infinitamente desagradavel. As minucias dos telegrammas eram dolorosas, feriam. A historia de justificar o fracasso com o frio intenso — não sei quantos gráos abaixo de zero — podia ser cabivel, mas não me consolava. Fossem para o inferno! Perder por perder todo mundo perde, mas agora é que não podia ser. Os paulistas tinham negado o seu auxilio, não enviando seus grandes jogadores, após uma série de encrencas. Fizemos mil sacrificios, seleccionámos uns tantos rapazes, fomos e logo no primeiro jogo somos batidos. Positivamente, não ha castigo. Outro cigarro. Onde é que puzeram meus phosphoros? Estavam bem na ponta do nariz, na mesinha de cabeceira, em cima de mais um livro de Menotti, o ultimo, imitando os romances de Wells, "Republica dos 3.000", sem favor, o peor livro do mundo.

As noticias policiaes não conseguiram alegrar-me. Otarios e vigaristas teimavam em não se encontrar. A zona estragada não fornecia nada, numa paz absoluta. A expulsão do **caften** era banalissima, sem pormenores que interessassem. O incendio premeditado tinha sido apagado a tempo pelos Bombeiros. Passei-me para a terceira pagina. Ahi o humorista, cada vez mais tragico, tentava ironisar o atrazo dos vencimentos na Prefeitura. Ora, bolas!... Nem quiz saber das paginas restantes; atirei longe o jornal e pensei num banho de mar: — está ahi, bôa idéa.

A idéa era bôa, a manhã é que estava feia, mas aventurei-me. Fui andando. Os allemães iam á minha frente, conversando, dando risadas, poucos gestos. Passaram pelo muro de pedra e não viram nada. Como são as cousas nesta vida! Eu passei e vi a abelha. A abelha não estava no muro, estava na calçada, pernas para o ar, agitando-se incessantemente, na ansia de se levantar. Esforço inutil. Naturalmente tem uma asa quebrada, póde ser que as duas, por algum golpe malvado de toalha, que é a maneira mais usual de se matar abelhas — pensei, passando adeante, depois de ter observado convenientemente o seu tamanho, a sua côr e as suas listras. Os allemães tinham-se sumido, a crença chorava e a abelha ficou a espernear.

Não havia banho, porque o mar estava de resaca. Os banhistas tinham, prudentemente, posto bandeiras vermelhas nos postes de observação e voltado tranquillos para as suas casas, menos o Joviano, um camarada pardo, todo marcado de bexigas, com duas paixões violentas: a cachaça e o Botafogo F. C. Qual casa, qual nada. Metteu-se na tendinha: — Um duzentão della, seu Fernandes — e cuspinhava para o lado. O homem obeso veiu pesadamente do fundo e encheu-lhe o calice rachado, que elle virou de um trago. Quem fosse maluco que cahisse n'agua e morresse sozinho. Elle não tinha nada que ver com isso. Dobre a parada, seu Fernandes! Puxa, que está friozinho, hein? E' por causa do sudoeste.

A praia estava deserta, lambida pelas ondas esparramadas que vinham morrer no cáes. E nada de sol, um dia tristonho, pesado de nuvens ameaçadoras, côr de chumbo, mais carregadas para o norte, onde encobriam o mar, o horizonte e as ilhas.

Nem banho de mar, nem banho de sol. Positivamente, naquelle domingo, os acontecimentos tinham se reunido pra me contrariar. Então, voltei. O casal de inglezes, no terreno devoluto, ensinava habilidades ao **fox-terrier**: buscar a bola, onde está o lenço? O cachorro ia aprendendo, pulava, latia; elles, em trajes de tennis, riam e animavam: — Very good! Very good!

O rapaz passou quasi nu, um simples calção, na bicycleta. Bonita aquella barata, que a moça vae guiando, mãos cahidas sobre o volante, numa indifferença superior e calculada. Será **Chrysler?** Se fosse minha, pintava as rodas de vermelho tambem. O arranha-céo construindo-se não dava descanso aos operarios. Lá estavam elles, mesmo sendo domingo, lidando com a rangedora machina de misturar o cimento ás pedras, enchendo de concreto as grandes fôrmas de madeira. A electrola enchia completamente a esquina com o "Sonny boy", a historia tristissima dum menino que morreu nos braços do pae, cantor do jazz, quando o ninava, mas que, apressado o compasso, é um **fox** bem divertido e bisado nos **cabarets**.

— Puxa! Você ainda está ahi? — cheguei a perguntar, estacando.

Era a abelha, a minha abelha, que não se livrara ainda e que, tenaz, sem desanimar, continuava a debater-se. Já tinha mesmo, de tanto se mexer, mudado de logar, mas de virar a barriga é que nada.

Apiedei-me: pobre coitada! Catei um phosphoro na sargeta, passei-o cuidadosamente por baixo da abelha e voltei-a para cima. Ella não vôou logo; andou um palmo, se tanto, para a sua frente, como a se experimentar. Depois, foi rapida e feroz. Levantou-se num vôo decidido, á altura do muro, desceu quasi raspando o chão, alteou-se novamente, rodou á volta da minha cabeça, umas duas vezes e, num bote certeiro, cahiu sobre a minha mão, ainda com o phosphoro entre os dedos, e pregou-me uma ferroada terrivel.

Dei um grito e, com um safanão furioso, atirei-a longe. A moça que estava defronte, na sacada, riu. Entrou um instante e chamou a irmã. A irmã era loura e estava de **beige**. A moça era morena. Talvez fosse uma amiguinha. Não: era irmã, sim. Varia e complicada é a gente do Senhor.

Apressei o passo para casa, gemendo, ansioso por uma alliviadora compressa de ammonea. Se não tivesse — bonito! — faria um destempero dos diabos, remediando, porém, com alho pisado, que não tem egual effeito. A loura sumira-se atraz dos cortinados ricos de **filet**. A morena continuava a rir, um riso tão sincero que me deu raiva. — Burra! Estava com o seu dia ganho, teria que contar na praia, á tarde, ás amiguinhas, na hora do **footing**, mas adulterando tudo: — Vocês nem imaginam que caso gosado! Perguntem á Alice: não foi? Um rapaz sério — parecia sério — não é que foi bulir com um maribondo? Já se viu!... O bicho estava quieto, elle foi, pegou num phosphoro, (não diria phosphoro, diria um páozinho) como eu estava contando, pegou num phosphoro, abaixou-se,

(Termina no fim do numero.)

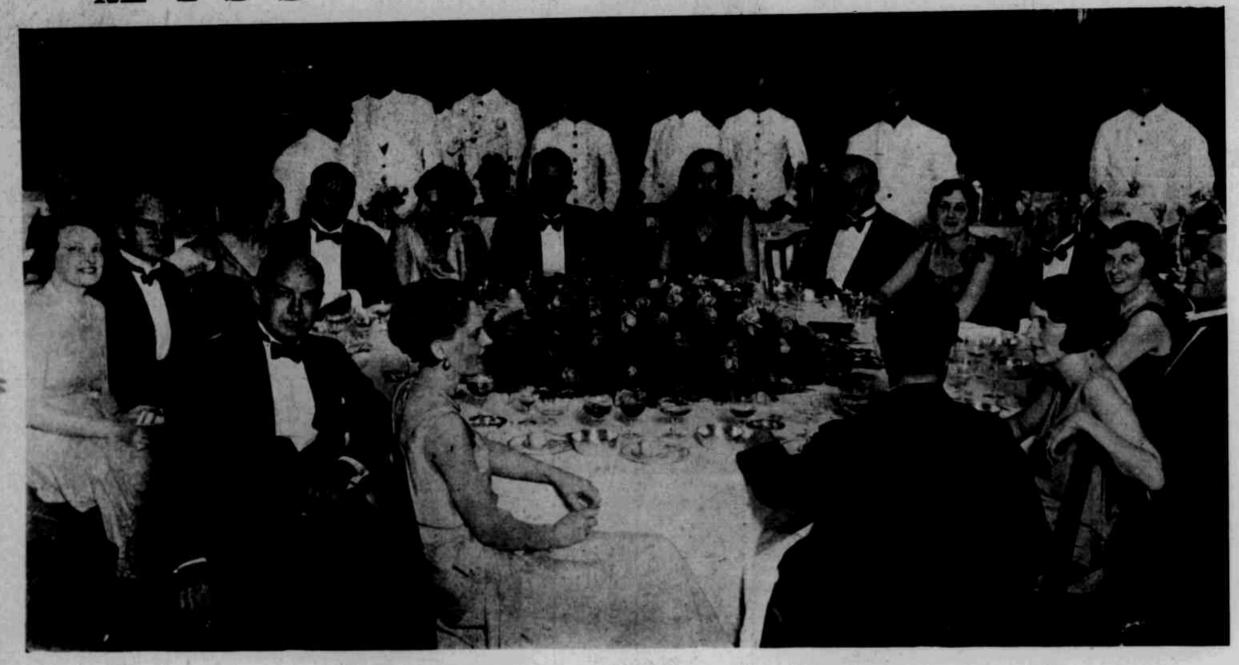
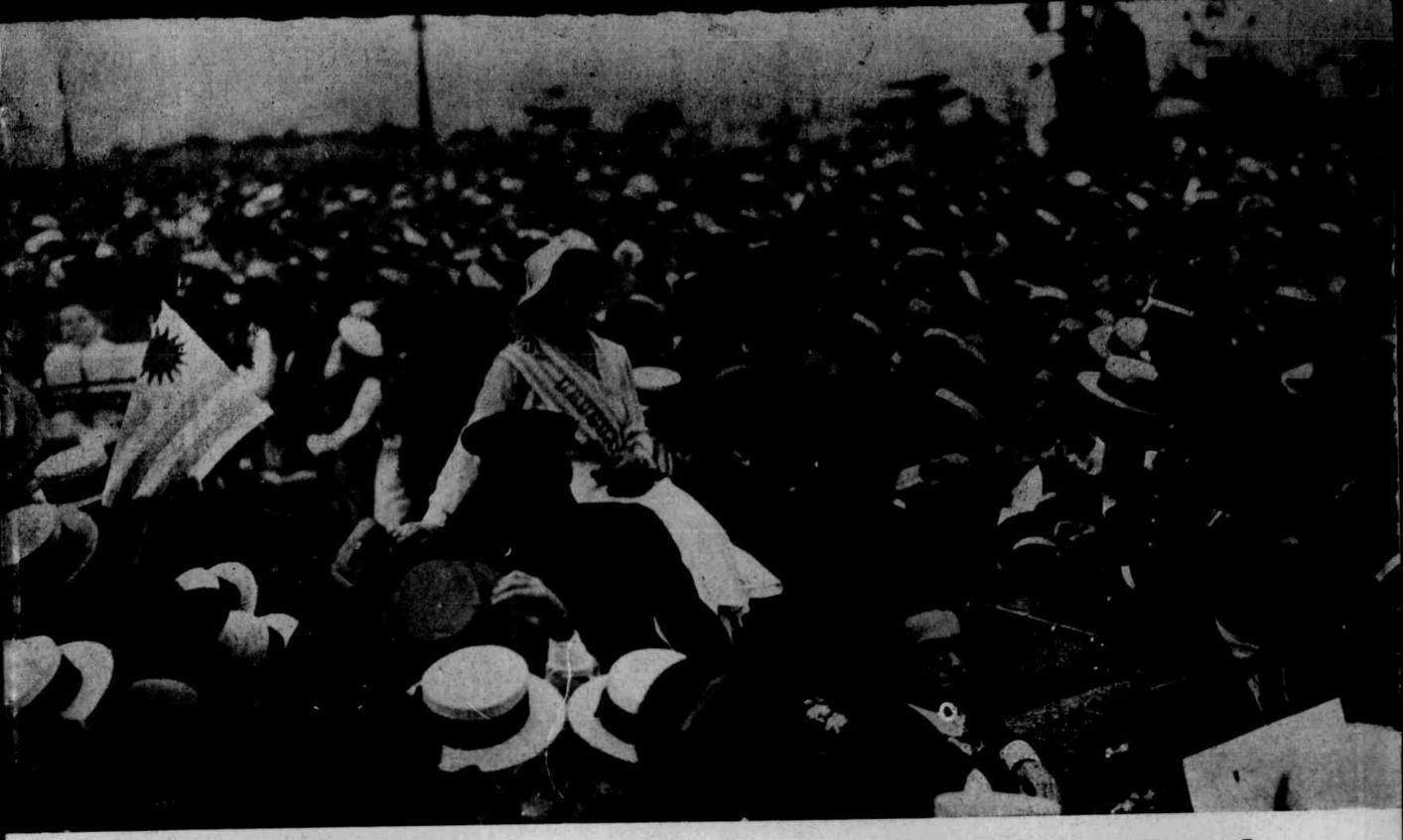
AS MISSES NO COPACABANA PALACE

MISS GRECIA

A Senhorita Alice Deplarakou no palco do Theatro João Caetano, sabbado passado, depois da conferencia que fez deante de um enorme auditorio: "De como, sob os auspicios da arte, a Grecia moderna reencontra sua filiação espiritual da Grecia antiga".

Banquete das Senhoras Portuguezas a Miss Portugal

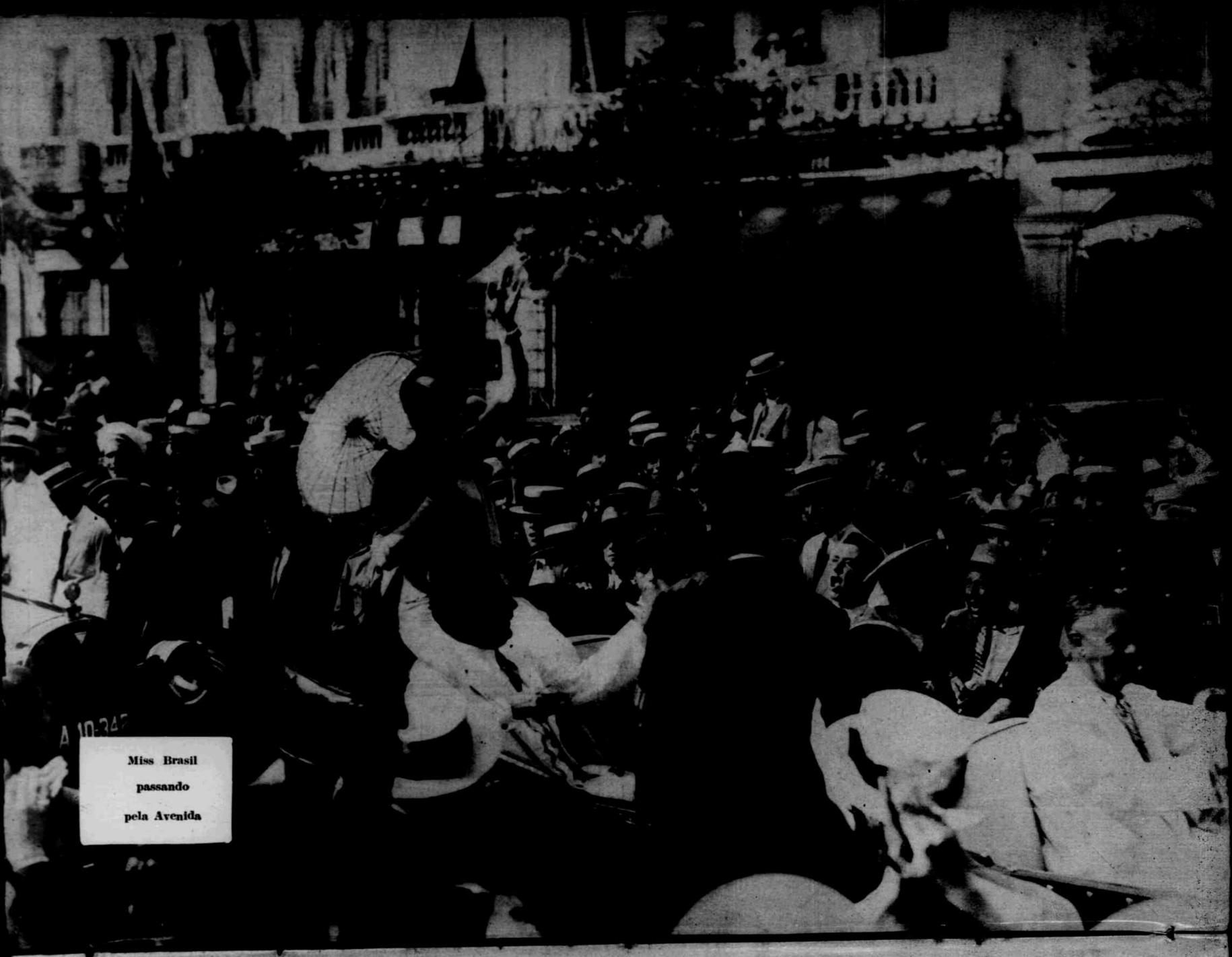
A Senhorita Fernanda Gonçalves entre as Senhoras que a homenagearam e aspectos do banquete no Automovel Club

Miss Estados Unidos

Senhorita Beatrice Lee no Grill-Room do Copacabana Palace na mesa da Camara Americana de Commercio, na mesa do City Bank e durante uma dansa do seu paiz.

O desfile das Misses

Miss Uruguay e Miss Argentina

Da Praça Mauá á Copacabana

Miss Brasil
passando
pela Avenida

Miss Portugal
no desfile
das Misses

Miss Estados Unidos

O maravilhoso desfile das Misses

Miss Cuba

Miss Russia

Da Praça Mauá a Copacabana

Miss Italia

Miss Brasil em cima

O desfile maravilhoso das Misses

Miss França em baixo

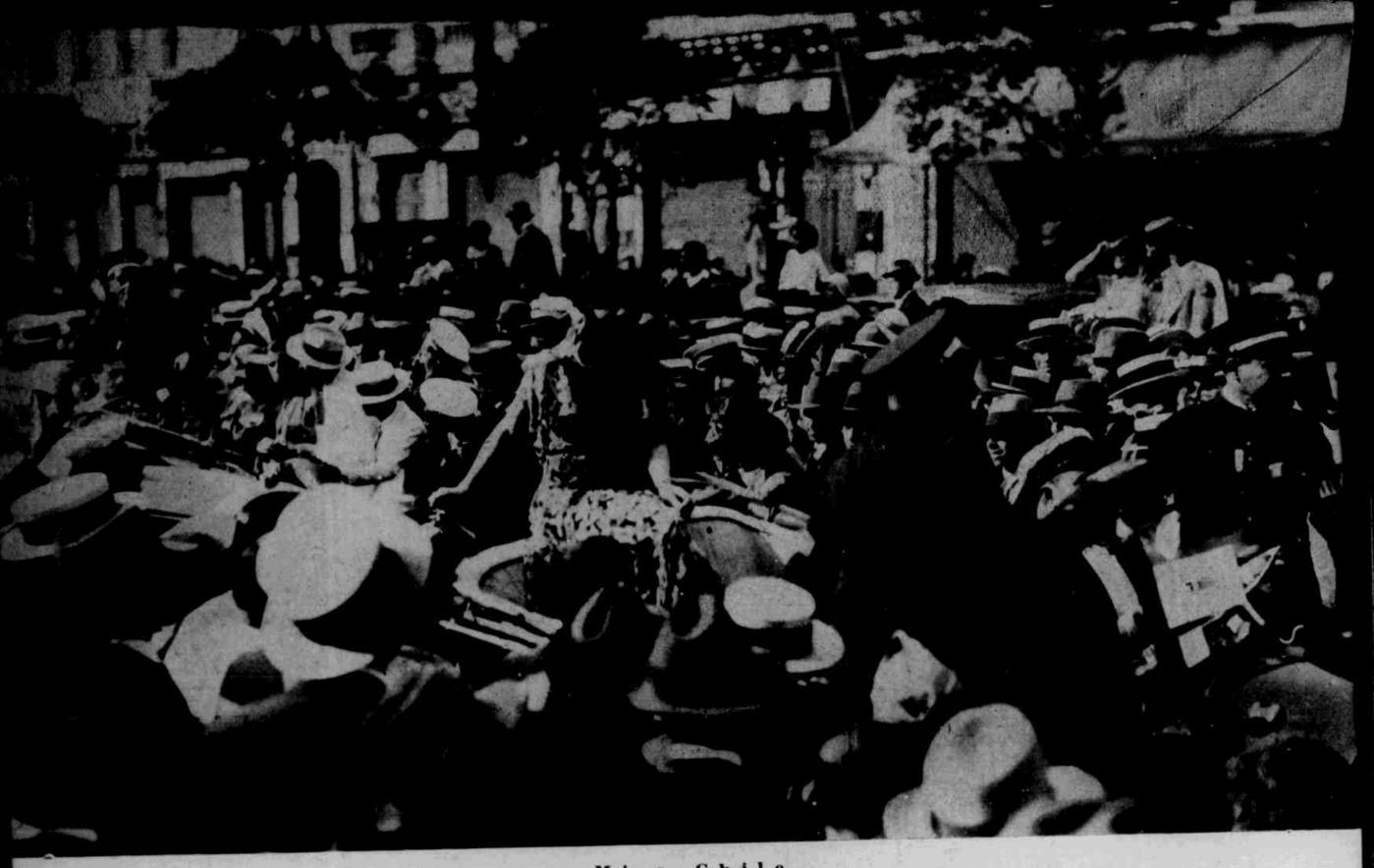
Miss Grecia em cima

Da Praça Mauá a Copacabana

Miss Allemanha em baixo

Miss Chile

O desfile das Misses

Miss Perú

Da Praça Mauá a Copacabana

Senhorita Milada Dortalowa, Miss Tchecoslovaquia

Senhorita Ingeborg von Grieberger, Miss Austria

Senhorita Elena Plá, Miss Hespanha no desfile de domingo

O desfile maravilhoso das Misses

Em cima: organização do cortejo na Avenida
Em baixo: Miss Bulgaria saudando o povo

Em cima: passagem do cortejo pela Avenida
Em baixo: o sorriso de Miss Hungria

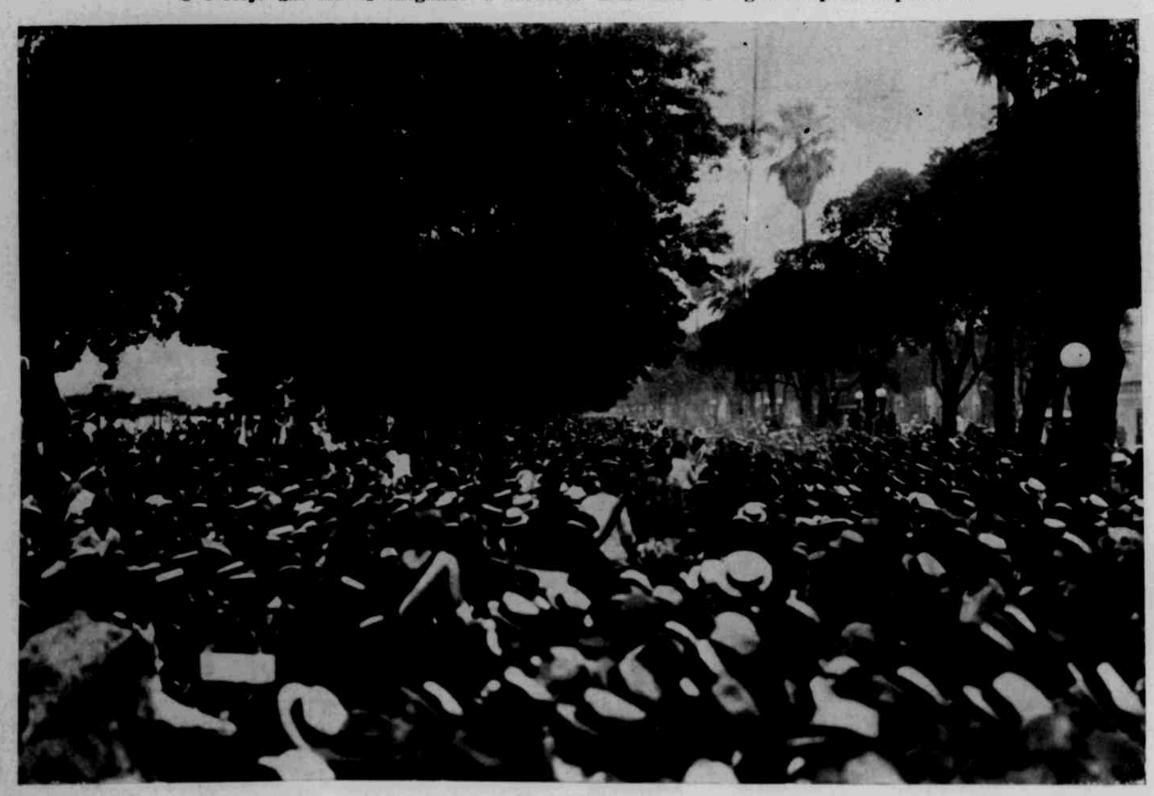
Da Praça Mauá a Copacabana

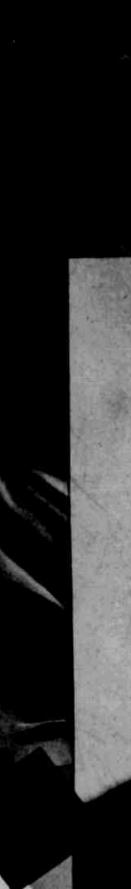
MISS UNIVERSO

ERA a moça mais bonita da Cidade. Em seguida, foi a mais bonita do Estado. Depois, do Paiz. Agora, é a moça mais bonita do Mundo. Yolanda, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, Universo. Nossa Yolanda. A gente está contente. Pela ternura com que você olha a vida. Pela ingenuidade com que você sorri para a vida. 20 annos. Dia seguinte de menina. Véspera de mulher. Saudade. Imaginação. Cantiga nos galpões dos pagos. Dansa na claridade das fogueiras. Jardim no mez de outubro que perfuma de flor o luar das noites lindas. Yolanda. Nossa Yolanda...

Domingo, 7 de Setembro de 1930, no Rio de Janeiro

O cortejo das Misses chegando á Avenida Beira-Mar e seguindo para Copacabana

Miss Universo, depois de receber a faixa, com o Prefeito do Rio de Janeiro.

Miss Russia

Namorada do Rio de Janeiro

Senhorita Irene Wentzell

(Photos Lafayette)

Miss Belgica

Miss Doçura

Senhorita Eugénie Amélie Londers entre senhoras e senhoritas suas patricias.

A Colonia Belga do Rio de Janeiro offereceu á Embaixatriz de Belleza da sua patria um banquete no Restaurante Lido. Aqui estão quatro lembranças dessa festa que foi encantadora.

Miss Antilhas

Senhorita

Yvonne Pampellone

As Senhoritas Yolanda Pereira e Fernanda Gonçalves recebendo das mãos da menina Maria do Carmo da Silva Rosa os brindes que lhes offereceu o Club Vasco da Gama.

Miss Universo e Miss Portugal

Miss Grecia

A Senhorita Alice Deplarakou com o jornalista francez Maurice Waleffe, que foi o organizador do Concurso na Europa.

Miss Argentina no Collegio Militar

Tres lembranças da visita da Senhorita Celia Basavilbaso ao Collegio Militar.

Baile ás Misses no Atlantico Club

Na photographia de cima, á direita, estão Misses Yugoslavia, Rumania e Rio de Janeiro.

A linda Miss França

Senhorita Yvette Labrousse com Mamãe França.

Ella, entre os directores do Lycée Français, senhoras e senhoritas, no dia da sua visita ao Collegio onde se cultiva com o amor do Brasil o amor da França.

A alumna que a saudou faz-lhe entrega de um ramo de flores. Durante a recepção alumnas e alumnos disseram poemas.

O passeio que o Prefeito offereceu ás Misses

Miss Russia,
Senhorita Irene Wentzell

Miss Antilhas,
Senhorita Yvonne Pampellone

Na Barca Quinta

Em baixo:
Miss Argentina,
Senhorita Celia Basavilbaso

A' direita, em baixo:
Senhorita Zoica Dona, Miss Rumania

AS MISSES VISITANDO A BAHIA DO RIO DE JANEIRO

Miss Antilhas, Miss Rumania, Miss Hespanha, Miss Russia, Miss Perú, Miss Grecia, Miss Cuba, Miss Argentina, Miss Yugoslavia. Em baixo: Miss Antilhas.

DE RAÇA ANTIGA E PATRIA NOVA

Senhorita Milada Dostalowa

Miss Tchecoslovaquia

(Photos Jerry)

Em Buenos Aires: Miss Argentina com sua irmã e os artistas da Troupe Rose Marie, Vidiane e Pasquale

Em baixo:

antes do almoço offerecido pela "General Electric" a Miss Brasil e a Miss Estados Unidos

Na Legação da Tchecoslovaquia: recepção ás Misses Tchecoslovaquia, Yugoslavia e Rumania
Em baixo:
Senhoritas Milada Dortalowa, Sterka Drobuyak e Zoica Dona, as tres festejadas

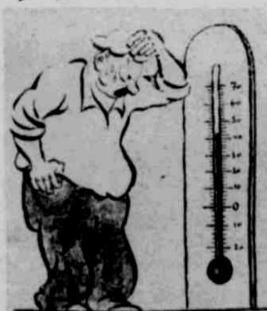
NA LEGAÇÃO DA RUMANIA

A Senhorita Zoica Dona, Miss Rumania, a Senhora Ministra, a Senhorita Sterka Drobuyak, Miss Yugoslavia, a Senhorita Eve Szaplonczay, Miss Hungria, a Senhora Plinio Uchôa, o Senhor Ministro da Rumania, Senhoras e Senhoritas presentes á recepção á Embaixatriz da Belleza Rumaica.

Por FRANCIS de MIOMANDRE
Desenhos de J. J. ROUSSAU

EMBORA as indicações da ethymologia, os meteorclogistas se occupam muito pouco dos météoros. Sem duvida, não é por falta de vontade. Mas, o numero de cometas que atravessa o espaço é muito restricto e não cáem, quasi nunca, aerolithos nas grandes cidades, os astronomos propriamente ditos annexaram, por assim dizer, esse genero de phenomenos, deixando aos meteorologistas o trabalho exclusivo de prognosticar o tempo. E' aliás um exercicio muito agradavel e, como espero demonstrar, repousante.

Os meteorologistas são pessoas muito sabias. Não são recrutados entre os primeiros que apparecem. A maior parte delles conhece a fundo a embryogenia, o sanscrito, o direito canonico, a historia da arte em Birmania, a chimica organica. Leram Bergson, Pierre Reverdy, Epstein e Philippe Soupault. Mas, não sabem muita coisa da atmosphera.

Não é propriamente por culpa delles. Sáem pouco do laboratorio, não têm tempo de se inquietar com as futilidades do ar livre, assumpto que, desde tempos immemoriaes, foi entregue ás mulheres em falta de outras palestras. São, de resto, grandes e ingenuas crianças, que um nada é sufficiente para espantar,

e até mergulhar no encantamento. Uma coisa, sobretudo, os inquieta (nunca puderam se acostumar completamente): as mudanças bruscas do frio ao calor e vice-versa. São igualmente muito sensiveis ás variações dos tempos chuvosos e dos tempos seccos. Desejariam um pequeno paiz temperado, tranquillo, onde nunca ventasse...

Ah! o vento! Eis o que envenena a vida dos meteorologistas! Não, precisamente, por elles, talvez, pois se arranjam para viver abrigados contra tamanho perturbador. Mas o publico se convenceu, não sei porque, que elles pódem, elles, os meteorologistas, explicar-lhes os habitos da tempestade.

Como se o vento tivesse habitos!...

Se ao menos pudessemos saber de onde elle vem!... Achariamos um meio de impedil-o de sahir, como aquelle typo da antiguidade que o capturou e guardou-o em odres... E então toda a questão estaria resolvida. Mas elle escapa a todas as investigações. Ora está aqui, ora está lá, mais fugidio do que o azougue. Só temos noção da sua presença quando cáe em cima de nós, a nos gelar os dedos, a nos tostar o rosto... Quando o assignalam na Groenlandia, elle já está no Chile Quando pensam que chega das Antilhas, é em Java que elle prepara a sua tromba. E' capaz de enlouquecer qualquer pessoa.

Si reflectirmos um pouco observaremos que é o vento, até hoje, por uma especie de espirito malevolo que o anima, que tem impedido a meteorologia de se constituir uma sciencia positiva, como a chiromancia, a economia politica, a graphologia... Ha cem a apostar contra um, que não foi um meteorologista que teve a idéa de fundar a meteorologia. Esse projecto deve ter sido germinado pelo celebro de um jornalista malicioso que pensou...

— Vou apoquental-os, todos os dias perguntarei o tempo provavel do dia seguinte.

Felizmente os meteorologistas são pessoas calmas. Tomaram o partido de não levar mais em conta os trabalhos do vento, esse louco sem interesse. Não falam mais nelle. Quando os interrogamos, respondem com absoluta reserva. Localizam-n'o sempre nos Polos, ou no mar das Sargassas. Lá, ao menos, ninguem póde ir ver...

A grande voga da qual gosam os meteorologistas junto de nós é devido á doçura com que nos tratam. Nunca nos agarram cara a cara, nunca nos conteriam... Se trememos de frio, dizem:

— Uma onda de frio...

(Accrescentam, quasi sempre, que ella vem da America, como uma multidão de outras coisas em series: ondas de calor, automoveis Ford, sapatos pontudos, bolas de borracha para mastigar, films, etc...)

Quando chega o calor, os meteorologistas declaram:

— Tudo nos leva a crer que estamos no verão. Podem sahir sem sobretudos. E, quando passam seis mezes sem chuva, elles constatam, com um amargo bom humor, que depois das guerras do primeiro Imperio não se assistira a uma coisa semelhante.

A meteorologia, se não existisse, seria precise invental-a!

Miss França

Miss Italia

Miss Yugoslavia

O

Por

ERA o soldado Ralph, da brigada ingleza de Aden. Alto, espadaúdo, ostentava sobre a face tropical, tisnada de sol, a indisciplina dos cabellos rijos e côr de palha, reminiscencia ancentral dos nevoeiros insulares. Entretanto, por contraste á rigida figura britannica, trazia á flôr do rosto o sombrio enigma dos olhos negros. Olhos de renuncia e martyrio, pestanudos, quasi sempre ensimesmados no olhar distante.

Mas em cuja penumbra, ás vezes, como no dorso das panteras negras, scintillavam manchas amarellas...

Criára-se na metropole colonial das Indias, aos cuidados do Major Patterson, official de secretaria, reformado pelas febres traoiçoeiras da "jungle". Não dera gosto ao tutor, desdobrado em mestre nas horas vagas. A indole rebelde transportava-o dos estudos para a inutilidade preguicenta dos devaneios, sempre com o olhar longe, como esquecido de si proprio no alheiamento de algum sortilegio. E não obstante as convenções sociaes, que propendiam a isolal-o no orgulho da superioridade ethnica, só encontrava momentos de loquacidade na convivencia dos servos hindús, attrahido pela narrativa das regiões longinquas, onde esplendiam na sombra os ritos antigos e crueis do brahmanismo.

Os primeiros anseios da virilidade trouxeram-lhe, mais tarde, a inquietude sentimental. Miss Shepperd, baptizada com o romantico nome de Evelyn, era ingleza de origem e criação. Sem mais ninguem no mundo, transpuzera resolutamente os mares, atravez de tres climas, para acolher-se no "bungalow" tropical do tio Patterson. O olhar scismarento do adolescente envolveu-a de inicio, esbelta e altiva, evocando na brancura lactea da pelle o ignorado arrepio das neves septentrionaes. E Evelyn parecia-lhe revestida de angelitude, como alguma heroina de Shelley, quando a via despertar no teclado, com os dedos esguios e diaphanos, as melodias de outros céos, tantas, inspiradas de sentimentos estranhos e remotos. No segredo de sua alma ardente, Ralph cingiu-a de halos polychromicos. Mas não lhe durou muito, nas noites inquietas, esse primeiro roçar de asas do sonho. De um lado, na altanaria glacial da raça, Miss Shepperd o desprezava profundamente. Não houve jamais, nos seus gestos, o menor deslise, a concessão menos significativa. Era a desillusão completa, cristallizada em cada olhar.

Aos poucos, refazendo-se com os seus proprios estilhaços, o sentimento affectivo de Ralph concentrou-se em repulsa pelas mulheres côr de neve...

E ainda, por outro lado, ao iniciar-se na carreira das armas, o adolescente se vira convulsionado, ferido em todos os nervos pela revelação da sua origem. O segredo, a tenebrosa interrogação da sua vida! Na ultima noite de casa, á penumbra do quebraluz familiar, o tutor narrara-lhe tudo, com o cachimbo adormecido na bocca, revolvendo nas mãos tremulas meia duzia de reliquias. O pae de Ralph, quem fôra? Decerto o tenente Robert Northbrook, de tradição aristocratica, aparentado de longe com o antigo vice-rei. O desapparecimento do vistoso official, havia já vinte annos, lá pelas florestas ameaçadoras do Pandjab, subvertera em vão todo o apparelhamento administrativo, na multiplicidade esteril dos inqueritos e expedições sem resultado. Acreditavam, os seus camaradas, nos vagares indifferentes da lembrança, que o corpo de Northbrook tombára nalgum templo interdicto, porventura estrangulado nas aras de Kali, entregue pelo fanatismo sectario em holocausto á deusa macabra do amor e da morte. E a mãe de Ralph? Mysterio absoluto! Alguma dessas mulheres ondulantes, suggestão das tanagras mediterraneas, com os negros olhos scintillando entre véos multicôres...

O menino chegára ás mãos de Patterson em noite tempestuosa, decerto escolhido para enscenação da entrega. Fôra como em certas passagens dramaticas de Kippling. O começo de uma intriga — a intriga de uma vida. Na porta que se abrira, batida desesperadamente, o rectangulo da treva destacára aquelle vulto repulsivo, mascarado com a lama do temporal. As mãos ansiosas do passante largaram nas do inglez o volume informe, de onde fluia um pranto abafado de criança. Depois, sem uma palavra, o mensageiro fantastico desapparecera na borrasca negra, como arrebatado pelo tufão... A' meia luz da lampada de campanha, o major desdobrára o velho manto de cachemira. Revolvera as roupas do menino, cortadas em fina cambraia. E nas dobras da faixa de sêda, apertando o pequeno ventre bojudo, encontrára afinal, naquella noite antiga, os documentos actuaes do soldado Ralph. Documentos exiguos, na verdade. Alguns papeis do offcial desapparecido, amarellados pelos annos, como folhas mortas do tempo. Uma negra madeixa de mulher, que se tornara levemente azul, como se a maternidade lhe houvesse emprestado aquella tonalidade sideral. E ainda, o lodão symbolico dos "thugs", de todas aquellas reliquias a menos comprehensivel, achando-se officialmente extincta a seita fanatica dos estranguladores, desde a governação de lord Bentinck...

. . . . . . oOo . . . . . .

A trincheira moral entre as duas raças, em toda parte intransponivel, ostentava-se mais rudemente na caserna. De um lado, o espesso orgulho da conquista, de latego na mão. E de outro, atravez das cidades millenarias como no segredo tragico da floresta, somnambulando na meditativa opulencia dos palacios de marmore, rugindo surdamente nos ceremoniaes e sacrificios dos templos, soffrendo, odiando, conspirando, fremia na sombra a raça fantastica do esplendor e da miseria.

De guarnição em guarnição, nas multiplas transferencias de serviço, o soldado Ralph enervava-se aos contradictorios embates do seu san-

Miss Hespanha

Miss Libano

Miss Portugal

MESTIÇO

MARIO FERREIRA

gue. A evocação das revoltas hindús firmava-o, ás vezes, no pedestal da arrogancia paterna. Quantas cabeças louras, de mulheres e crianças, haviam pendido para sempre, entumescidas no rictus agonico do estrangulamento... Mas o seu olhar tenebroso, espelho de martyrio e renuncia, aprofundava-se irresistivelmente na tragedia indiana. Não podia figurar, mesmo por suggestão de outrem, que seio lhe abrigára o primeiro somno. Na cadencia musical dos meneios, cada mulher hindú enternecia-o, passante para elle sem destino. Palpitára a sua vida naquelles flancos esgalgos de princeza? Ou brotára de casta desprezivel, fructo daquelle outro ventre repregado pela fome? Assim, com qualquer apparencia, balouçando-se no palanquim senhorial ou de pés torturados pelas caminhadas, — quanta figura de mulher gritou na alma do soldado Ralph: quem sabe?...

O appello materno hypnotisava-o, absconso, fechado no enigma da origem. E foi com a intima exaltação desse brado que o seu olhar, no acaso dos destacamentos militares, desvendou o sentido da paizagem colonial. Conheceu os scenarios dramaticos de Lahore, onde a seita vichnuista dos "sikhs", outr'ora, adubára com sangue a terra insubmissa. Divagou pelas regiões bengalis, suggerindo a cada passo a tremenda insurreição dos "cipayos". Reviveu Delhi, o palacio do Grão-Mogol, o tumulo senhorial de Humayun, tres expressões historicas synthetisando o major Hodson, apopletico de raiva, a sacrificar por suas proprias mãos tres principes inoffensivos, deante do velho pae anniquilado. E, mais adeante, a recordação sanguinaria de Bithoor, accendendo brasas nos olhos indianos. Dandu Panth, ultimo "peichva" dos mahratas! Não; esse nome não despertava chispas e fagulhas novas na fogueira adormecida. O seu verdadeiro enunciado, popular e terrivel, era outro: Nana Sahib. Atravez das cidades e florestas, nos templos e palacios, nos quarteis resoantes de clarins como nas barracas assoladas pela fome e pela peste, a evocação desse nome interdicto era ainda a rajada, era ainda o vendaval inexoravel. E a simples articulação das quatro syllabas cantantes — Nana Sahib, — como que fazia estremecerem, longe, no poço macabro de Cawnpur, os corpos mutilados das mulheres e crianças, com o general Wheeler marchando á frente, tambem degollado, na retirada do infinito...

A conquista britannica cinge-se, effectivamente, no circulo concentrico da reacção hindú. Desde as arrancadas guerreiras de Ranjit Singh e de Pheroska Mehta, o "Rei da India sem Corôa". Desde o levante meridional da Rainha Lakshimi Bhai, figura de seducção parecida com as mulheres symbolicas de Ridder Haggard. Desde as predicas nativistas de Dadabhoi Naoroji, do historiador Ramechandra Datta, e, sobretudo, da "Trindade do Nacionalismo Indiano": Bal-Pal-Lal...

Reacção multifaria: infatigavel nos processos, encarniçada nos principios. Ora, de espada conúa, engolfando-se mortifera na barreira contraria. Ora, torcicollada nos anneis da serpentaria, estrangulando nas trevas com o laço liturgico. Ora, passiva, toda abstenção e sacrificio, de mãos alçadas em oblata para a sagração patriotica dos carceres e degredos. E foi esta insurreição excepcional, de aggressividade negativa, que o soldado Ralph conheceu e admirou de perto: a campanha hinduista do "Swaraj", a reacção torturada de Gandhi, o Mahtma, o "Almanobre", cuja eloquencia repercute pelo mundo no symbolismo lancinante da poesia de Rabindranath Tagore...

. . . . . . oOo . . . . . .

A' magnitude britannica repugnára, a principio, chocar-se com aquella multidão andrajosa, agglomerado de corpos esqualidos desatinando-se em correrias de incomprehendido enervamento. Nos commentarios da imprensa londrina, repassaram, de inicio, sorrisos como este: "A acção do Mahatma — sublinhou o "Daily News" — deveria apresentar aspecto solenne; a verdade, entretanto, é que ha, nella, qualquer cousa de irresistivel comicidade".

Haveria, talvez, franqueza ingenua em taes commentarios. Talhada um pouco á semelhança latina, porém mais vibrante de motivos interiores, a alma hindú é demasiado subtil, atravez da historia, nos seus determinismos e desdobramentos. E o propheta do indianismo não reflecte apenas, na terra angustiada, o remoto clarão da esperança. No misero aspecto de pária, descalço e quasi nú, o seu vulto amplia-se como o symbolo da terra algemada, desfraldando-se na distancia, a perder de vista, das azulescencias do Golfo Indico ás neves altissimas da cordilheira himalaya. Os escriptores estrangeiros, os proprios inglezes, apontam-n'o como o predestinado, criatura de excepção, em cuja fronte os deuses teriam sigillado o seu beijo. "A palavra santo — excusára-se Gandhi — deve ser afastada da vida actual. Não pretendo ser mais do que simples operario, o servidor da India e da Humanidade"...

Longe, na cidadelha natal de Porbander, Karamchand Gandhi entrevira, no berço, o sorriso fascinador da opulencia. O vindouro estudante de Oxford nasceu de casta previlegiada, filho de ministro, herdeiro de arcas abarrotadas. Não lhe exigia, a vida, mais do que o goso dos prazeres orientaes, na magnificencia dos scenarios de sonho. Mas houve, no caminho triumphal do nababo, a curva imprevista do destino. Attrahido por serviços profissionaes, o advogado humanitario, que proclamava só acceitar causas justas, sorprehendera na Africa Meridional, ao dealbar do seculo XIX, a miseria extrema de uma raça. Contemplára, na propria terra de origem, sob a humilhação da conquista, homens zurzidos como cães, expulsos como leprosos, pisados como a lama dos caminhos. Então, como desabrochado de tamanha angustia, surgiu nelle o evangelizador humilde e formidavel.

O regresso de Gandhi ás terras indianas marcou na historia a nova reacção nacionalista. Convocou-se o Congresso Hindú de Natal, cadinho de ideas e directrizes redemptoras

(Termina no fim do numero).

HA tempos publicámos uma photographia de uma egreja moderna da Allemanha, toda de aço e de vidro, com a fórma curiosa de uma tartaruga. A novidade era tão insolita que a propuzemos aos leitores como adivinhação. Os allemães proseguem no esforço de criar uma architectura religiosa caracteristica do seculo XX, e para isso realizam concepções audaciosas: não hesitam mesmo deante das mais rebarbativas semelhanças. Assim, no **cliché** junto, temos qualquer coisa como a grande torre de um moinho moderno, de uma usina de suburbio industrial, ou quem sabe se o pavilhão principal de uma penitenciaria. Em toda parte, na Allemanha, notam-se hoje egrejas com estylos bizarros. Já nada nos espanta ali. A que vemos agora ultrapassa, porém, tudo o que se possa imaginar no assumpto. Acaba de ser construida nos arredores de Berlim, em Kaulsdorf. A furia de renovação, de invenção absoluta, é tão violenta, que a cruz, dominando o alto da dupla torre, é composta de tres traços. Lá dentro, com certeza, o pobre Christo apparecerá com duas cabeças. Nós proporiamos que o architecto fosse enforcado.

NÃO, ellas não querem. Não querem saber da lei do seguro social, que lhes desfalca os salarios de algumas notas de cinco francos. O governo francez está lutando com difficuldades em todas as classes, para fazer acceitar essa lei, objecto de uma campanha tremenda. As greves das zonas metallurgicas e de industrias textis, no norte do paiz, não são quasi nada em comparação com os cortejos de "midinettes" que percorrem os "boulevards" de Paris. Quando as mulheres se mettem nessas coisas, é o diabo: quantas Cleopatras, vencedoras de poderosos Antonios, não haverá nesta multidão de modistas e chapeleiras de Paris? No emtanto, a lei do seguro social é um mecanismo simples que todos os paizes deviam adoptar, uma especie de montepio para as classes trabalhadoras, destinado a garantir o operario contra a doença, a velhice e a invalidez. Mas as "midinettes" não querem saber do dia de amanhã. Amanhã estarão velhas, feias, decadentes... Ellas fazem mais questão de não perder, agora, emquanto são moças e bonitas, uns poucos francos que servirão para comprar pó de arroz, ou para ir ao cinema. "Demain? On s'en fiche pas mal". O **cliché** mostra as "midinettes" de Paris a caminho da Bolsa de Trabalho, durante a greve de 24 horas, que foi o ponto culminante da reacção protestaria.

CURIOSA corrida estão disputando nesta photographia duas lindas moças! Estes **puro-sangue** chamam-se "Relampago" e "Raio de luz": têm uma velocidade de taxi velho numa rua esburacada de Catumby.

Mas não, não façamos pouco caso dos doceis burricos, de pello aspero e orelhas immensas, porque o poeta Francis Jammes os cantou e foi ao seu trote que attingiu a celebridade.

Quem nunca leu aquelles versos penetrantes de Francis Jammes em que elle fala, com tanta amorosa meiguice, dos burricos do paiz bearnez? Está escripto que a cotação desses animaes (considerados pouco intelligentes, o que é injustiça) ha de subir de agora por deante.

Depois da poesia do pae de "Clara d'Ellebeuse", vemos as praias normandas adoptarem-nos para divertimento das banhistas. O **cliché**, de facto, mostra duas banhistas de uma praia elegante da costa do Calvados (Normandia) que, para matar o tempo, fazem hippismo em pello asinino. Estão treinando para dominar os futuros maridos...

Da Terra dos Outros

BÔAS estradas! A Inglaterra, a França, a Belgica e a Allemanha possúem as melhores da Europa. Em compensação, a estatistica dos desastres, nos domingos e dias de festa, é assustadora. Invariavelmente, nesses dias, ha uma verdadeira hecatombe. Está provado que 80 por cento dos accidentes se produzem por volta das seis horas da tarde, quando os conductores, de volta de um passeio ao campo, estão fatigados. Depois de um dia inteiro passado a comer, a beber e a dansar, na alegria de uma reunião de familia, o burguez que, pela manhã, fazia a admiração da mulher e dos amigos, com habilidades de motorista amador, não é mais senhor dos seus nervos. A estatistica mostra ainda que a maior parte dos desastres succede com conductores não profissionaes. São os "chauffeurs do dimanche", que passam a semana inteira no escriptorio e só no dia consagrado ao descanso têm occasião de pegar no volante para os prazeres da velocidade. Como evitar o mal? Seria preciso, em primeiro logar, que as estradas fossem bastante largas, que as curvas tivessem um raio de visibilidade amplo e que os homens fossem prudentes. Na realidade, tudo é differente. Com o augmento da producção automobilistica, já as melhores estradas da Europa são estreitas para o numero de carros que as percorrem nos dias de festa, quando toda gente quer dar o seu passeio. Nem sempre tambem é possivel evitar as curvas fechadas, devido aos accidentes do terreno e outras causas. E, muito menos ainda, os homens não são prudentes. No **cliché** junto, tirado por occasião de um recente desastre em Londres, o carro ficou positivamente reduzido a escombros e os passageiros fizeram a grande, a triste viagem...

DANSAR com o marido faz parte dos deveres de uma bôa esposa? Parece que o caso não está previsto nas leis, religiosas ou civis. "Por teu marido abandonarás pae e mãe", está certo. "Dansarás com teu marido", é outra coisa... Na Lorena, acaba de dar-se um caso que põe em fóco esse problema, pondo em fóco, ao mesmo tempo, a ferocidade de um marido recem-casado. Em Creutzwald, perto de Metz, o casal Alois e Catharina Pordonowsky festejava as suas bodas. Tinham-se casado havia dois dias e os convidados não tinham vontade de se ir embora. A festança durava. Num dado momento, Alois convidou a mulher para dansar e ella recusou. Foi o quanto bastou: o marido, julgando-se deshonrado deante da assistencia (haviam de pensar que ella lhe recusava mais do que isso), foi ao quarto buscar um punhal e, investindo contra a moça, matou-a com um golpe profundo no peito. Em seguida, virou a arma contra si proprio e tentou suicidar-se. O crime foi tão estupido que provocou grande sensação na imprensa. Poucas vezes se tem visto um uxoricidio por motivo tão futil. No **cliché**, Alois Pordonowsky está num leito de hospital, em tratamento.

Conforme permittem as leis francezas, está acorrentado pelos pulsos, para não fugir. Se fosse no Brasil, seria absolvido por unanimidade de votos. Na França, **fia fino:** Guyanna com elle.

CELIO!

— Many...

— Não esperavas encontrar-me, não é?

— Aqui, não...

— E tu, que fazes?

— Sou o novo medico deste hospital. Não te sabia, porém, aqui.

— Arranjaram-me este quarto, este leito, para eu esperar o fim... Não sei quem foi... Talvez uma alma piedosa que se compadeceu de minha desgraça... Teve pena de me ver, tão joven ainda, sem ter um logar onde cahir morta.

— Não digas assim...

— E' verdade. Não tardará muito o meu fim... Quem sabe se hoje mesmo? Tuberculosa, vês? Tenho soffrido tanto...

— Julguei que fosses feliz.

— Como poderia ser feliz, se era só no mundo... sem ter quem me amasse, quem me protegesse na vida?...

— Eras tão querida... Tantos homens te desejavam...

— Porque eu tinha o corpo lindo de mais, nervoso, porque tinha uma cabeça bonita, cheia de cachos doirados. Nenhum delles me amou a alma...

— Pois tu não a tinhas, Many.

— Tu que dizias assim... mas eu tinha-a e muito nobre, entendes? Tinha alma e coração... tu m'o roubaste. Depois que me abandonaste foi que perdi minha alma, no lôdo... no vicio! Emquanto eu era alguma cousa na tua vida, conheci um pouco de felicidade... depois... depois... só torturas e lagrimas...

— A vida é assim, Many, muito dolorosa...

— Talvez não o fosse tanto se estivesses ao meu lado. Sabes? Foste o unico homem a quem amei.

— Não creio.

— Foi comtigo que eu conheci o amor, que aprendi a adorar as tardes lindas de sol... Tu me beijavas na bocca, nos olhos, nos braços... dizias que era eu todo o teu Ideal.... recordas-te?

— Não vamos lembrar estas cousas...

— E' tão doce... tão suave recordar o passado... Ah! Quantas vezes, ao lembrar-me de ti, dos teus beijos, eu me sentia feliz.... Lembras-te? A's vezes, tu estavas aborrecido e eu cantava para te alegrar.

— E' verdade... tu cantavas e toda a minha tristeza desapparecia como por encanto! Tu eras a minha alegria, os meus sonhos, tudo, tudo!

— E por que me abandonaste?

— Foi o destino... Tinha que ser. A felicidade seria grande de mais se o nosso sonho fosse realizado.

— Faziamos tantos castellos... bom tempo aquelle...

— Talvez volte...

— Não... agora é tarde...

— Nem sempre é tarde quando se ama.

— Mesmo assim, é tarde de mais...

Um accesso de tosse fez-lhe interromper e uma nodoa vermelha manchou o alvor do lenço que ella levara aos labios.

— Vês? E' por isso que digo ser tarde de mais...

Novo accesso de tosse.

Celio tomou-lhe as mãos, quentes pela febre e falou docemente:

— Descança um pouco, Many querida, o falar te faz mal. Fica quietinha, vê se dormes. Ficarei ao teu lado...

— Meu mal é incuravel; sei que vou morrer... deixa-me, pois, falar comtigo, relembrar o tempo em que fomos ditosos...

— Falaremos, então, do futuro risonho que virá, queres?

— Não. O mundo, para mim, durará, apenas, algumas horas. Ouves?... Lembras-te? No dia em que me deixaste, um violino, não sei de onde, tocava esta valsa... Tu me beijaste na bocca e disseste: "E' o ultimo beijo que te dou, Many. Nunca mais nos veremos".

Ah! Que vontade louca tive eu, de correr atraz de ti, prender-te nos meus braços e implorar-te, entre lagrimas, que não me abandonasses...

— Se eu tivesse visto lagrimas em teus olhos, não teria partido.

E' que te julgava tão frivola...

— A custo me contive... Encostei, então, na murada que dá para a praia e chorei por muito tempo...

Estava só para o resto da vida! Eram mais de 11 horas... Chegou junto a mim um homem alto... olhou-me... disse-me qualquer cousa e chamou um taxi.

Eu estava tonta... deixei-me levar como uma creança...

Dahi, a minha desgraça... "Elle" foi-se, tempos depois. Veio "outro"... Era máo, batia-me... abandonei-o. Andava, depois, de um para outro lado, em festas de **cabaret**.

Uma noite... foi no salão de jogo... tive a primeira hemoptyse... E nunca mais deixei de tossir...

— Pobre Many! Como o Destino te foi máo!

— Foste o culpado. Se não me abandonasses nada me aconteceria...

— Não me perdôas?

— Sim, porque te amo.

— Oh! Many! E's muito bôa... Tambem muito tenho soffrido com a minha saudade. Tinha tantos ciumes de ti...

Foste a mulher dos meus sonhos! Muito tempo depois do nosso rompimento, encontrei-me com uma menina assim.. como tu. Os olhos negros, a cabeça dourada, muito viva... Gostei um pouco della, porque, nella, eu tinha um pouco de ti. Depois que a beijei não mais a procurei. Sabes, por que? O beijo della era differente do teu.

— Tambem eu nunca achei quem me beijasse a bocca como tu...

Que pena eu estar tuberculosa...

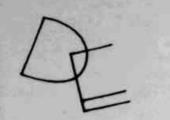
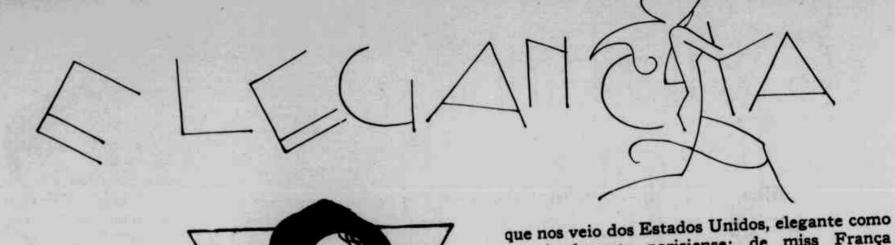
— Has de ficar bôa, querida...

Ella quiz responder, não poude. Via a morte approximar-se...

Um pouco de sangue humedeceu-lhe os cantos dos labios...

Murmurou num suspiro: Celio!

Elle approximou-se de seu rosto... Já não via nada, apenas a pequenina bocca que o sangue coloria... Approximou-se mais... mais... e não se conteve: beijou-a! Quando descolou os labios da bocca de Many, ella já era cadaver...

DE ELEGANCIA

A CIDADE retoma, pouco a pouco, o aspecto habitual. As "misses" estrangeiras movimentaram muito os nossos circulos sociaes, elegantes, houve excesso de festas patrocinadas pelas formosuras européas e americanas, houve excesso de recitaes dedicados ás mais... festejadas, houve, até, excesso de homenagens que muito agradaram á vaidade das lindas moças, mas foram de tal numero que conseguiram fatigal-as. As volta será, certamente, depois de transpostas as aguas brasileiras, viagem de repouso.

Foi verdadeiramente notado o capricho com que as "misses" se vestiam. Capricho e bom gosto. Eram roupas primorosas de corte, primorosas de tonalidade, combinadas primorosamente. "Miss Italia" destacou-se pela belleza, e, mui justamente foi baptisada de "miss Elegancia". Na rua ou nos theatros, nos "five o' clock tea" ou nos passeios ao ar livre, a adoravel italiana apparecia sempre com roupas apropriadas, muito "chic" e muito sobria. Aliás injusto seria deixar de citar a elegancia de miss Libano. que nos veio dos Estados Unidos, elegante como a mais elegante parisiense; de miss França não se fala, porque tem o dever de ser "chic". As outras todas vestiam graciosamente. E o rigor na observancia dos dictames da moda era tal que as mais elegantes não discrepavam nunca do minimo detalhe do codigo actual da mestra de trapos e futilidades, nem vestiam pela manhã, nem ao almoço, roupas apropriadas para de tarde.

Dentro de poucos dias, a Primavera. Depois da primaveril belleza que se reuniu no "bouquet" que esteve dias e dias a estontear a cidade, a Primavera das arvores, dos passaros, do céo, dias mais firmes de sol, de luminosidade, e o preparo para o estio. A moda aconselha os lindos vestidos de tonalidades pastel, os estampados em "georgette", em musselina, em crêpe, na nova estação. Os "godets" e as mangas curtas, quer cavadas á altura das axillas, quer formando manguinha que termina no meio do braço, entre o cotovello e o hombro, virão para a ordem do dia.

a "mignonne" da turma, a pequenina boneca morena de olhos negros e dentes brancos. Miss Yugoslavia, tambem criteriosa na escolha das suas "toilettes"; a linda americana

Apparece, ahi, o remate de babadinhos, dos laços do panno do vestido, o ponto de luva, o festonnado grosso,

emfim, toda a serie de fantasia e originalidade de que é capaz, na materia, o espirito dos costureiros e a imaginação dos desenhistas.

Estão no rigor da moda, na França, os casamentos no campo. Mesmo as pessoas de elevada categoria social e de elevados capitaes, estão adoptando a medida. Já são innumeros os casamentos em aeroplanos; no campo o sabor é differente, e, na quietude da aldeia, ha, talvez, a illusão de que a calma assegura certa felicidade, que, na capital, é dynamica, irrequieta, passageira, veloz, dizem sem repouso, sujeita como vehiculos e passantes ao "circulez" do guarda municipal.

Para taes casamentos, vae, pois, um modelo que mais se parece com um vestido de primeira communhão, embora gracioso de simplicidade rebuscada e ingenua. (Uff! tanta coisa disparatada como qualificativo de uma "toilette" de noiva!)

O vestido é de organdy branco guarnecido de preguinhas e babados; as duas damas de honra, de musselina estampada.

Mas no "trousseau" da noiva ha verdadeiras maravilhas para a volta á cidade, quando recomeçar a vida agitada, que ella bem apreciará, creada como foi num grande centro. A graça do campo depressa se irá embora. Ha-de renovar-se naturalmente, mas é preciso que a mesmice desappareça para evitar o fastio. Assim, aquella felicidade de que falei a principio, tambem deve mudar? Não entendo disso, carissimas leitoras, mesmo porque essa questão é tão pessoal como a escolha de um vestido. Voltemos, porém, á roupa da recem-casada. Em primeiro logar, um "manteau" tres quartos, de setim preto rematado por um babado e gola de pelle branca, "manteau" para uma saia de setim preto, de babado em forma, e collete de "moire". Seguem-se tres blusas: de crêpe da China amarello claro, abotoada na frente, de camurça rosa madeira, presa por um só botão, de velludo rosa e guarnições de metal.

Tres chapéos: de feltro pastel em cujos recortes passa uma fita de "gros grain" rosa; de "bakou" marinho e camelias brancas; grande capelline de crina preta e pastilhas de velludo roxo batata.

Mais: cinco blusas, umas guarnecidas de bainhas abertas e babados plissados, outras de franzidos e ponto de abelha, e outra de estamparia, todas de crêpe de seda e tonalidades suaves, que, como os vestidos, não se devem descobrir pela acção do tempo, resistindo, por conseguinte, á chuva e ao sol. Isto se conseguirá com os tecidos tintos por "Indanthren" — a maravilha das maravilhas, que, na cidade onde se dictam as coisas da moda, está sendo rigorosamente exigido.

Vão os modelos de quatro vestidos simples, para serem feitos de crêpe de seda grosso ou de *shantung*; e algumas bolsas modernissimas.

—oOo—

Embora tardiamente, vae aqui a nota de uma das mais elegantes e animadas festas de Agosto ultimo: a commemorativa da data natalicia do Gen. Alcantara Junior, actual director do Collegio Militar do Rio. Antes das dansas foi offerecido ao estimado anniversariante um bronze artistico, tendo usado da palavra o Major Evaristo Marques da Silva que traçou o perfil moral da administração de Alcantara Junior. Pelo magisterio falou o Major Castro Neves.

Depois das ofifciaes homenagens e saudações dos referidos officiaes, a numerosa sequencia das musicas que o "jazz" tocou para enthusiasmo dos dansarinos.

SORCIÈRE.

Dá cá o pé, meu Loiro!

GRANDE, cheio de corpo, a plumagem setinosa de um verde carregado, com uma bella gargantilha amarella franjada de encarnado vivo; a cabeça pequena, movediça, os olhitos redondos como contas de vidro, lançando olhares escrutadores ora a um, ora a outro lado, aquelle papagaio era, realmente, um animal bonito, soberbo, imponente, invejavel!

Embora sempre inquieto no poleiro, onde os pés marcavam continuo compasso, aquelle formoso papagaio timbrava em manter um mutismo circumspecto e austero.

Jamais se lhe ouviam gritos estridulos e ainda menos o costumeiro palrar:

— Papagaio real! Para Portugal!

Todavia affirmavam que, outr'ora, fôra um tagarella intelligente, constante, infatigavel, que se fazia admirar pela variedade e clareza das phrases.

Que traumatismo formidavel o reduzira áquelle silencio profundo?

Com certeza não teria soffrido um forte abalo moral com a ausencia dos seus ex-donos, bastante ingratos por terem partido para a Europa, deixando-o para ser vendido em leilão, conjunctamente com os moveis da casa, porque os irracionaes devem pensar differentemente, se é que pensam! E d'ahi, são tão insondaveis os mysterios da natureza, que bem pode ser que o papagaio tivesse comprehendido toda a estensão do abandono a que o haviam votado, e tivesse soffrido com o ingratissimo procedimento.

Fosse porém como fosse, o certo é que desde o memoravel dia do leilão em que fôra arrematado o papagaio não tornára a pedir:

— Dá cá o pé, meu loiro!

Os mezes foram passando e, com elles, foi-se apagando a lembrança de que o lindo papagaio havia sido um linguaraz perseverante, incansavel e curioso pela opportunidade de seu phraseado. Apenas de tempos a tempos, manifestava maior inquietação em seus movimentos, no poleiro, quando o punham á janella — para receber o necessario banho de sol — e ouvia falar na rua. Dir-se-ia que procurava reconhecer nessas vozes, uma voz familiar, talvez amiga.

Certa noite, o brilho attenuado dos candieiros publicos projectava-se nos vidros molhados e na agua empoçada na rua.

O papagaio, esquecido, na janella, desde cedo, por causa da festa anniversaria do dono da casa, de quando em quando, com manifesto desespero, abria e fechava as azas, em movimentos bruscos, para sacudir a chuva que, durante tantas horas seguidas, lhe cahia em cima.

No interior da casa, o piano fazia ouvir o rythmo saccudido e accelerado de um fox-trot em voga.

Alguem se approximou da janella, commentando:

— Bella festa! Sociedade selecta... um banquete delicado... e o Lopes teve uma soberba manifestação!

— Aqui para nós, replicou outro individuo, baixando a voz, o Lopes é de uma ignorancia crassa!

— O que não o impede, retorquiu o que primeiro tinha falado, de ser riquissimo.

Neste comenos, o papagaio que, desde o inicio do dialogo, se mostrava agitado, cantarolou com sua voz aguda e metallica:

— Quanto mais burro, mais peixe!

— Ahi está um papagaio que fala como um propheta, commentou uma das vozes, em tom de mofa.

— Aproveitamos o ensejo para "arredondarmos" o preço das negociações da Electrificadora das estradas de ferro...

— Tenho medo dessa negociata; os jornaes da opposição já começaram a morder...

— Sim, principiaram a aguçar a dentuça... em se lhes atirando um osso, calam-se logo. Devemos, meu caro senador, pôr acima de tudo, o nosso patriotismo... o que não impede, logicamente, de attendermos tambem aos nossos interesses particulares.

Nesta altura, o papagaio, gritou:

— Cavação!

— Que animal insupportavel!

— Até parece gente! Afastemos-nos, senador!

Lá dentro, no piano, os rythmos chocam-se, precipitam-se, encadeiam-se, combatem-se e dessa luta nasce a cadencia deliciosa dum *blue* de languidas seducções...

Dansa-se, conversa-se de futilidades, de negocios, de amor...

Não tardou, porém, que um casal viesse até á janella, desejoso de respirar outro ar e de trocar impressões. Ao ouvir-lhe as vozes, o papagaio agitou-se ainda mais e estendeu o pescoço como que, para ver e ouvir melhor.

— Oh! minha linda morena, não me faças padecer mais. Concede-me o que te peço e seremos felizes.

— Não sei se deva...

— Deves sim! Estás cada vez mais bonita, mais graciosa, mais provocante! O teu busto esculptural excita! Os teus olhos desprendem mais vivo fulgor! A tua bocca entreabre-se mais bella e mais appetitosa e o brilho da tua expressão, o quebradiço de teus gestos, a graca de teus movimentos, augmentaram o valor sensual e voluptuoso que fazem de ti um ser unico e desejavel! E' a nossa felicidade que...

Foi quando o papagaio achou de gritar:

— Pirata!

— Ouviste o que disse o papagaio, José?

— Um bicho estupido que repete inconscientemente as palavras que lhe ensinaram. Vá, meu amor, decide-te!

— E meu marido?

D'esta vez o papagaio, embora com olhar inexpressivo, soltou uma cachinada de mofa, estridente e longa:

— Ah! ah! ah!

— Que estupido animal! Vamos d'aqui, minha bella morena.

— Para Portugal! Ah! Ah! Ah! continuava o papagaio com seu riso esganiçado, irritante, alçando-se ora no pé esquerdo, ora no direito, e voltando-se no poleiro, em sentidos diversos, como se estivesse a dansar, satisfeito por ter afugentado o par enamorado.

— Pirata! Ah! Ah! Ah!

A ingrezia do papagaio acabou por attrahir a attenção das pessoas da casa e foi um nunca acabar de exclamações admirativas porque o animal havia readquirido a faculdade palradora. A's duas por tres, não se sabia se o maior alarido provinha do papagaio ou das pessoas que insistiam para o ouvir repetir o corriqueiro phraseado. Porém a imponente ave, ao que parece, cançada de escutar tantos importunos, após soltar um grito estridente, exclamou:

— Vão amolar outro! Ah! Ah! Ah!

Uma gargalhada homerica de quantos ali estavam coroou a sabia opportunidade da expressão e alguem explicou:

— Este papagaio, era do Irineu!

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

CARMEN DE BIZET (S. Paulo) — Alma enthusiasta, cheia de altas aspirações, de alegria de viver, ambições nobres, bondade, carinho, paixão. E' supersticiosa, credula, ás vezes ingenua, outras vezes desconfiada, sempre, porém, impetuosa, ardente, como o typo da personagem que escolheu para seu lyrico pseudonymo, confirmando o lyrismo da su'alma de artista.

MANACA' (Muzambinho) — Energia e força de vontade, sem excluir doçura e bondade naturaes. Alguma reserva que se nota logo no córte dos tt. Capricho, voluntariedade e teimosia muito natural nas filhas de Eva... Espirito observador e curioso. Um pouco de egoismo que póde ser ciume.

LILAZ (Muzambinho) — Letra fina e miuda: economia, amor ao detalhe, ás minucias, talvez myopia. Certo espirito de vingança, ou de, pelo menos, não deixar parada sem resposta e de ficar sempre com a ultima palavra nas discussões. Alguma displicencia na formação do til. Intelligencia, espirito critico.

LILI (S. Paulo) — O conjunto de sua graphia revela pessôa de personalidade bem definida, o que o traço com que firma sua assignatura, energico, decidido, da esquerda para a direita, vem confirmar. E' franca, e aquelle traço parece dizer: Commigo é assim: pão, pão, queijo, queijo. Tem grande poder de assimilação, de logica e concatenação de idéas. É alegre, despreoccupada e simples. Escreva-me, Lili. Você é um bello caracter.

DUQUEZA DE GOYO' (S. Paulo) — Não recebi a carta a que se refere. Pelo que tenho presente vejo um pouco de desanimo, desalento que vão sendo vencidos por uns restos de energia. Espirito pratico, amigo da synthese, das commodidades e das grandes viagens. O córte nos tt mostra perseverança, um pouco de autoritarismo, amigo das "phrases feitas", do conservadorismo tambem e o ponto nos ii denota certa impaciencia, teimosia. Uma preoccupação qualquer lhe enchia o cerebro, pelo menos no momento de escrever. Já teria passado? Talvez, pois não era muito forte...

A. C. E. (S. Paulo) — Realmente o material é escassissimo, podendo eu ver apenas que se trata de um cavalheiro de nenhuma firmeza de idéas ou de convicções. Temperamento infantil, incoherente, não sabendo o que quer nem "sabendo querer" seja o que fôr. Indecisão franca, fatuidade, quasi toleima.

ULTUS (Fortaleza) — Letra calligraphica: mediocridade, espirito rotineiro, amigo do "logar commum", das "phrases feitas", do conservadorismo. Cultura intellectual muito rudimentar. Nervosismo, pouco amor á verdade. Espirito futil.

SÓ MAR (S. Paulo) — Esta secção se occupa sómente de estudos graphologicos. A resposta que o senhor deu á carta de sua noiva deve mandal-a mesmo pelo correio. Uma sobrecarta sellada custa apenas 300 réis...

SOUZA (Fortaleza) — Letra rapida de pessôa activa, trabalhadora, não perdendo tempo e sabendo aproveital-o o melhor possivel. Intelligente, arguto, com algum senso artistico, amor á poesia, ao bello, á natureza. Predilecção pelo estudo. Um pouco de nervosismo, tambem, que o impele de fazer bem aquillo que faz ás pressas.

As tintas para cabellos e alguns conselhos por

A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessôa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o gráo de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de toda as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessôas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessôas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxigenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado, 1/2 hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessôas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudado para cada pessôa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beauté.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

BEAU (S. Lourenço) — Falta-lhe o senso da medida, o equilibrio. Espirito critico mordaz, exa'tação de sentidos, um pouco de despeito e uma seria preoccupação de espirito no momento de escrever. Ambição, iniciativa, inquietação, mobilidade, estouvamento, mesmo.

SINGER (S. Lourenço) — Firmeza, espirito pratico, visão clara das cousas, tino commercial agudo, personalidade definida, laconismo, observação intelligente e deducção logica. Um pouco de egoismo, amor ao bello.

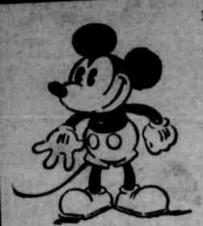
BLA-CA-MAN (S. Lourenço) — Delicadeza, sensibilidade, amor proprio susceptivel, emotividade. Alma impressionavel. O traço com que firma seu nome indica que tem um pouco de espirito de vingança. Embora não a procure por suas mãos, sente-se bem, ao ver que seu inimigo soffreu por sua causa. No momento de escrever estava triste, sob a impressão de um desgosto ou decepção qualquer.

SALAMBÔ (Rio) — Não creia que importuna. Em cinco mezes a gente, ás vezes, muda inteiramente e depois de uma viagem ao estrangeiro é bem possivel uma alteração qua'quer no caracter. Vejo na sua graphia redonda, bondade, doçura, indulgencia, alguma franqueza, muita distincção e elegancia naturaes, assim como uma pontinha de vaidade, o que é naturalissimo em quem é formosa. Noto mais: pouca firmeza, alguma indecisão que se modifica um pouco quando se trata do seu nome de familia, cuja inicial maiscula é traçada com energia e resolução. Bello caracter o seu, ó Salambô.

MÉLISSINDE (Rio) — Recebi seu cartão, porém, perdi o endereço telephonico, pois em vez de o escrever confiei na minha memoria e estou perdido entre datas nacionaes: descobrimento do Brasil? Proclamação da Republica? Grito do Ypiranga?... Não sei... Auxilie-me Mellisinde, você que é professora gentil, a me sahir bem nesse concurso de historia patria...

JUDITH (Petropolis) — Confirmo o que lhe disse anteriormente, notando pouca alteração. Algo mais de alegria e na graphia do "q" um mais accentuado egoismo. (Ciumes? Certamente). Mais reserva tambem, embora sinta, ás vezes, grande necessidade de expansão. Grato pelos votos de ventura que formulou. Quando recebi sua carta o "proximo numero" do "Para todos..." já estava prompto. E' sempre assim.

TURCA (?) —...E os deuses a protegeram. Al'ah ouviu seu appello e me mandou ao encontro do seu desejo que vae ser satisfeito: Sua letra revela espirito fino, curiosidade, graça, intelligencia, altas aspirações e louvavel ambição. Um pouquinho de orgulho e de generosidade. Reserva, teimosia discreta, isto é: sem discutir e sem parecer que é teimosa... Gosta de apparecer e ser notada, vendo-se isto no traço obliquo com que risca sua assignatura. Vaidade muito justificavel em que conhece seus meritos e seu valor. Ainda está antipathizando o velho Graphologo? Escreva-me.. Judith, e diga se acertei com o seu "retrato".

GRAPHOLOGO

Historia de Abelha

(F I M)

calmamente e cotucou o maribondo. Que judiaria... E o bichinho então — qual é o delle? — avançou no moço.

— Qui-Qui-Qui.

— Elle chegou a pular de dôr. Ah! Ah! Ah! Tambem que idéa, hein? Ah! Ah! Ah! Bulir com maribondo. A gente vê cada uma!... E engraçado é que elle parecia um rapaz serio, alinhado...

A abelha, nunca mais a vi. Era grande, castanha, listrada de preto, notavel; talvez nem fosse abelha, um maribondo, quem sabe?

MARQUES REBELLO

O MESTIÇO

(F I M)

Constituiu-se a Sociedade de Educação Hindú, centro de irradiação tentacular. Espalharam-se aos milhares as edições do "Indian Opinion", redigidas em inglez e tres linguas hindostanicas. A propaganda libertadora avultou, agigantou-se, ainda com os intuitos affectivos, tentando a equiparação social pela cultura e pela solidariedade. Na loucura de sangue da conflagração européa, o dominador britannico acenára promessas, de longe, atravez da Conferencia da Guerra, realizada em Delhi. E logo, espumejando sob o verbo electrizante de Gandhi, a onda humana escachoou, quasi um milhão de soldados hindús rolou em furia nos campos de batalha. Mas ficou sem premio, extraviado na historia, o sacrificio dramatico dos batalhões côr de bronze. Depois do fremito de angustia, o poder inglez comprimiu de novo as algemas indianas.

"Nenhum inglez — escrevera então Gandhi, no supremo resentimento — nenhum inglez cooperou mais estreitamente com o Imperio, durante vinte e nove annos de actividade publica; por quatro vezes arrisquei a minha vida pela Inglaterra..." E a mão infatigavel do agitador não se deteve, por ventura incerta, hesitando no revide. Inscreveu logo nos ares, como se o fizesse com as proprias estrellas, a palavra unica do novo lemma: "Não!" Foi em 6 de Abril de 1919 que Mahatma Gandhi assignalou, entre orações e jejum nacional, o primeiro dia da abstenção reaccionaria. A "revolução passiva", emprehendida no segredo das almas, arrojou-o no tumulto das perseguições, acabou por submettel-o ao aviltamento do carcere...

— "Ninguem póde negar que sois grande patriota", affirmava o juiz inglez. "Mas é meu dever julgar-vos. Parece-vos que sejam razoaveis seis annos de prisão?"

— "São poucos, para o mal que tenho feito ao governo", respondera o extraordinario apologista da verdade, em cujo conceito "a verdade é o proprio Deus". E o velho magistrado soluçava, ao lavrar-lhe a condemnação. Mas ficara pairando, sob o esplendor dos astros, a magia das suas palavras de promessa e confiança. Os seus olhos hindús, que Romain Roland definiu "tranquillos e sombrios", ficaram contemplando á distancia, na irradiação da chamma indomavel, a obra avassaladora da propagação. E agora, ao renovado contacto das multidões, eil-o que resurgia, — o vago bacharel de Oxford, o antigo advogado da Alta Côrte de Bombaim, o agitador incançavel da Africa do Sul, o apostolo comparavel, na expressão do inglez Pearson, a São Francisco de Assis!

A semana da desobediencia irrompera enthusiasticamente, ainda nas regiões mais distantes, multiplicada em explosões de fervor nacionalista. Na systematização commemorativa da campanha, Mahatma Gandhi reviveu a data inicial da abstenção. Foi egualmente no dia seis de Abril, como nos primordios do negativismo, que se ergueu o formidavel pregão popular contra a lei da Gabella, em cujos dispositivos se reservou exclusivamente á metropole o sal nativo das praias indianas. Não se desataviara, pois, de solemnidade o thema justificativo da acção. O privilegio autocratico, firmado sobre impostos prohibitivos, vedara aos desprotegidos o luxo humilde do sal. Como todos os prophetas, seductores de multidões, o apostolo hindú volvera-se principalmente para os revoltados eternos, apagados no anonymato da miseria. E a ordem reaccionaria germinou como semente fecunda, floriu e fructificou de extremo a extremo, nas quatro distancias geographicas da India Ingleza.

A principio, repugnara ao orgulho britannico debater-se na onda popular, definida como simples agitação da escoria. Mas os phenomenos revolucionarios accentuavam-se alarmantes e progressivamente positivos. Nas

IRRESISTIVEL... Certo monarcha, audaz conquistador,
Porque Nadyr ao seu amor fugisse,
reuniu, um dia, os sabios em redor
do seu throno dourado e assim lhes disse:

"Quem de vós conseguir que ao meu amor
não se esquive Nadyr, flor de meiguice,
terá um premio de real valor..."
— Tudo talvez que o vencedor pedisse...

E um sabio hindú, com a vida consagrada
Aos mysterios do amor, poude afinal,
descobrir uma formula encantada.

Não resistiu Nadyr, a divinal,
aos beijos de uma bocca perfumada
pela esplendida PASTA ORIENTAL.

ruas barulhentas de Poona, a multidão ostentava cartazes guerreiros, concitando á luta armada em nome do "COMMANDO GERAL DO EXERCITO HINDOSTANICO". O povo amotinado atirara-se, em massa, de encontro ao Tribunal de Karachi, berrando ameaças ao Juiz Richardson, que respondera com ordens de fogo á sua pacifica reunião de protesto. Registrara-se, em Calcuttá, o assalto furioso contra o Hospital da Residencia, accidentalmente convertido em refugio.

A policia reprimia os motins com bastonadas e detenções, amontoando nos carceres toda casta de insurrectos. Afinal, em pleno somno, Gandhi foi tambem preso, pela noite avançada, no pouso eventual de Ashram Karadi, aldeia vizinha de Surat. Vinte policiaes armados, acompanhando o juiz districtal e o superintendente da policia, envolveram de surpresa o apostolo solitario. No dia seguinte, com a toalha expressiva de luto, os bronzes hindús dobravam gravemente...

A campanha reavivou-se, ardente, fogueira symbolica flammejando de fronteira a fronteira. No scenario historico de Lahore, a populaça enfrentou com pedradas os carros blindados da conquista, armados de metralhadoras. As ruas de Madrasta repetiram quadros de batalha, com a multidão desencadeada em temporal. Ultrapassava das forças policiaes a capacidade militar da resistencia. Ao bastão respondia a pedra. Ao sabre e ao mosquete, a pedra das ruas, o tijolo dos muros, o rude calhau das estradas. Em toda parte, o anseio da lapidação aviltante...

A imprensa londrina já transmittia ao mundo commentarios significativos, toldados de sombrias preoccupações. "Continuar semelhante politica — proclamava o "Daily Mail" — seria levar a tal ponto as relações da Gran-Bretanha com a India que não se conseguiria evitar a perda dessa apreciavel possessão". E logo, como attendendo ao longinquo appello, as tropas regulares da colonia movimentaram-se na vistosa imponencia das fardas multicôres. Fraccionou-se em pelotões de campanha o garboso regimento de Essex. Espraiaram-se nos districtos agitados as divisões militares de Bombaim. Seccionada em destacamentos, a brigada ingleza de Aden recebeu tambem a ordem de marcha.

Marchar para onde, contra quem? Nos problemas estrategicos, o elemento humano é geralmente mobilizado por numeros. A companhia do soldado Ralph desembarcara em Peshawar, nucleo da convulsão indianista. Murmurava-se que, ali, a rebellião assumira tragicos aspectos: casas inglezas varejadas de extremo a extremo, productos industriaes de metropole destruidos na praça publica e por fim, varios policiaes britannicos, não se conhecia quantos, martyrizados com satanico requinte.

Na cidade em panico, entrecruzavam-se pelas ruas, em bandos sinistros, os "voluntarios" semi-nús, com as mãos nuas de armas, ostentando altivamente os gorros caracteristicos de Gandhi. De bayonetas caladas, a tropa de Aden martellava no chão a pesada cadencia da marcha. Adeante, ao transpor a primeira praça, defrontou a multidão em desatino, escura e compacta, ululando maldições incomprehendidas. Todas as edades, todas as castas sociaes. Destacavam-se as mulheres, recobertas pelos véos brancos da desobediencia. Ao centro, convergencia do formigueiro humano, alteava-se o agitador, espectral, com a ossada apenas vestida de pelle, como se o homem viesse da concentração meditativa do jejum.

A companhia fizera alto, á voz do official — um tenente ruivo, quadrado de fórmas, feição carrancuda de mastim. Eram terminantes as instrucções administrativas. Não se permittia, nas ruas, nenhuma agglomeração popular. Nem mesmo os grupos occasionaes de palestradores. E outra voz de commando, para que se dispersasse a populaça a coice de armas, impelliu para a frente, em accelerado, os pelotões militares. No imprevisto do embate, a multidão desdobrara-se em fugidias curvas de terror. Estridulavam gritos femininos. Havia corpos escuros que rolavam, logo pisados pelo tropel humano, as carnes escorrendo sangue. Trovejavam, em desafio, insultos ferozes, maldições e pragas. E as pedras choviam aos centos, aos milhares, armas temiveis no desespero do arremesso.

O soldado Ralph caminhara no tumulto, com o fuzil nos braços, sem um gesto. No obstinado alheiamento, tropeçou, adeante, num corpo de mulher: a indiana cahira de joelhos, as mãos espalmadas no peito, abanando desoladamente a cabeça. Nessa attitude indefinivel de

abandono, o official inglez batia-lhe com furia, espadeirava-lhe os hombros angulosos, molhados de sangue. Ao novo esbarro, ella erguera a cabeça grisalha, mascara viva da angustia, de onde se desprendera o véo tradicional. O olhar inexprimivel fixou o novo inimigo, sem lagrimas, longamente, amortecendo em doçura, aos poucos, o fogo intencional da maldição. Aquella expressão afflicta, e simultaneamente carinhosa, repercutiu na alma inquieta do soldado. Despertara nelle, mais intenso que nunca, o éco infatigavel do appello materno. Aquelle olhar de mulher, em cuja luz se espelhava a grandeza materna! do perdão, parecia repetir-lhe a mesma pergunta antiga, a desesperada pergunta de sempre: quem sabe?...

Então, o soldado Ralph ergueu a arma, pela primeira vez, contra o seu commandante, no golpe mortal desferido por todos os seus nervos.

Os tambores da companhia rufavam, abafados no arrepio da madrugada.

Na gravidade excepcional do delicto, fôra de morte a sentença do soldado Ralph. E não se houvera, do condemnado, a menor excusa, qualquer expressão de justificativa ou esclarecimento. Deante do tribunal militar, o accusado baixara constantemente a cabeça, encerrado na obstinação dos seus pensamentos. Não respondera, sequer, ao questionario legal. Acompanhara como estranho os actos formaes de accusação e defesa. A propria sentença encontrara-o indifferente, na mesma attitude abstracta e humilde. E o duplo crime do soldado Ralph, em que pairava sobre a morte a mancha disciplinar, ecoou nas fileiras com a irresistivel seducção do mysterio. Não era o facto delictuoso, em si, que provocava a torrente de perguntas e conjecturas. O que se inquiria e se fantasiava diversamente, era a causa determinante, o motivo daquelle extremo gesto de revolta e excidio. Acto de loucura? Inconcebivel rastilho de indisciplina? Ou seria, mais para temer, a eloquencia reaccionaria alliciando os proprios elementos fundamentaes da conquista?...

No pateo interno do quartel, aprestava-se machinalmente a scena final da execução. Formara a dois de fundo o pelotão executor, embraçando, em guarda, as armas reluzentes. De olhos no chão, na mesma expressão humilhada, o condemnado encostara-se na muralha pintada de branco. Já não vestia a imponente farda de Aden. A cabeça núa ostentava á luz o rijo cabello côr de palha. No angulo da camisa aberta, palpitava uma nesga de peito branco, reflectindo na alvura o sangue dominador.

O official de dia releu pausadamente a sentença. Depois, em subito contraste, houve tres vozes de commando, agudas e e rapidas: Carregar! Apontar! Fogo! E ao estalido metallico dos ferrolhos accionados, succedeu, em unisono, o disparo simultaneo dos fuzis.

O corpo baleado vacillou, como hesitante, balanceado sobre as pernas tropegas. Resvalou, por fim, na muralha branca, dobrando-se nos joelhos, com o peito em sangue extendido para cima, como se ostentasse garbosamente outra tunica militar. A cabeça erguida ficara olhando para o céo matinal, em cuja azulescencia, doirada pelo sol, se desenhavam lentos recortes de asas em revôo.

No ultimo gesto disciplinar, o official avançara para o cadaver, de revólver em punho, para estourar-lhe no craneo o tiro de misericordia. Mas estacou, a dois passos, deante da fronte livida, arrepiado de emoção. Porque, se não o comprehendera integralmente, parecia-lhe, ao menos, que vislumbrara o segredo tragico daquelles olhos indianos, para sempre distantes, cheios de renuncia e martyrio...

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintenio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos.."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, ab solutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 163 — SONIA HUASCAR (Ouro Preto) — Vossa correspondencia será cortada por uma amiga fingida que vos deseja mal. Uma pessôa intermediaria e que vos estima em um banquete commetterá uma leviandade. Vejo fraca fortuna nesse homem que se occupa de vós com lealdade. Ides receber dinheiro. Vejo uma rival que se ausentará por caminhos demorados, isto é, não agora. Uma mulher que vos fará muito mal urdirá enredos com um homem que vos trahirá se fôr attendido. Repetiste, por engano, o valor 6 de ouros na 2ª e 3ª casas das linhas horizontaes.

N. 164 — BOBO' (Rio) — Um homem de bem que se occupa de vós com sympathia e essa mulher de bom coração que vos presta serviços afastarão um rival. Haverá doença nesta mulher que vos dirá más palavras, provocando constrangimento. Com cinco sentidos recebereis um mimo de amor, não já. Haverá obstaculos ao vosso casamento nessa casa. Recebereis uma carta breve, com uma noticia de desordem.

N. 165 — SENHORITA DÁDÁ (Nictheroy) — Deveis fugir desse joven que vos trahirá se fôr attendido e que, por fim, se ausentará com lealdade. Breve ouvireis bôas palavras e recebereis com alegria um bello presente. No futuro fareis um casamento feliz. Tereis, certa noite, um desgosto de pouca duração. Recebereis uma carta reconciliatoria de uma vizinha intrigante, por intermedio de pessôa de bom coração e que vos estima fóra de casa. Haverá novidades, lagrimas e ciumes...

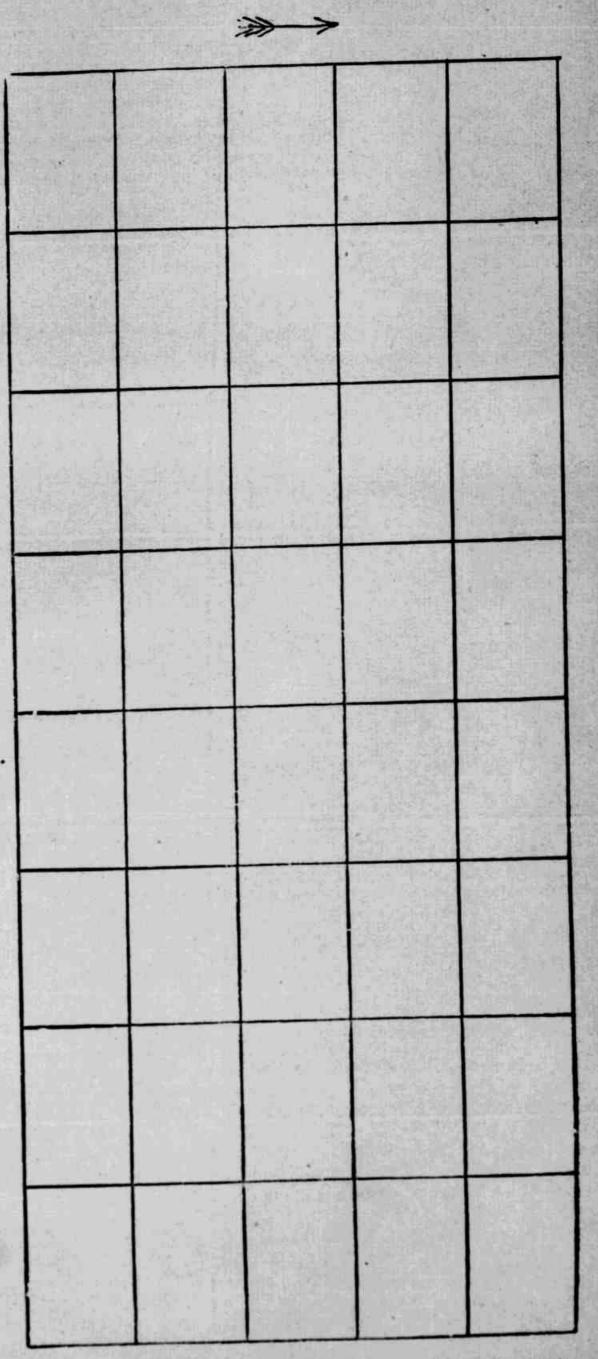
N. 166 — LENIDA (Nictheroy) — Vejo paixão d'alma, seducção, uma carta amiga, uma indisposição passageira e pouca fortuna. Esse homem de bem que se occupa de vós com cinco sentidos e esse mancebo rico que casará comvosco ficarão doentes e este terá ciumes em horas de comidas e bebidas. Ouvireis bôas palavras, breve, com fingida lealdade, desse homem que vos trahirá se o attenderdes e que se afastará, por fim.

N. 167 — MARYCHIO (Rio) — Haverá breve o casamento de uma vossa vizinha faladora, com alegria. Um homem que vos estima fóra de casa em um banquete e uma falsa amiga que vos procura fazer mal terão uma indisposição por vossa causa. Vejo doença grave breve e novidades, assim como dinheiros pequenos em uma carta que recebereis de uma mulher que vos fará mal. Deveis ouvir os conselhos de um homem idoso que vos quer bem. Vejo superstição e um cigano ou cigana lendo vossa "buena-dicha" que não vos agradou muito.

N. 168 — CORAÇÃO FERIDO (Jundiahy) — Vejo lagrimas, ciumes e poucos dinheiros nessa mulher de bom coração que vos presta serviços. Brevemente haverá um casamento rico e um acontecimento feliz e inesperado. Esse homem que vos deseja ver feliz se desviará por essa mulher de má lingua e leviana. Com cinco sentidos esse outro homem idoso será trahido e terá sua correspondencia interceptada. Uma pessôa intermediaria que vos ama ficará gravemente enferma em vossa casa.

N. 169 — HESPANHOLITA (Copacabana) — Esse homem da lei será processado e condemnado por um desvio fóra de casa. Vejo doença de uma pessôa que vos estima, assim como de uma vossa rival que cortará vossa correspondencia, causando-vos uma indisposição sem perigo. Alguem vos fará uma promessa e sereis trahida se o ouvirdes, certo joven falso. Ides receber dinheiro de um homem de bem que se occupa de vós, assim como um bello presente que provocará ciumes.

N. 170 — MISS ZÉZÉ (Nictheroy — Vejo doença, um processo judiciario e para compensação uma bôa noticia pelo correio. Deveis desconfiar de um joven que vos trahirá se fôr ouvido. Vejo breve um casamento, seguido de desintelligencia. Haverá melhoria de posição e ides receber dinheiro em horas de comidas e bebidas. Vejo um desvio e uma ausencia por lealdade. Sahistes ao lado de uma rival e de uma vizinha de má lingua, o que não é bom signal para vosso socego.

N. 171 — MEIRIM (S. Paulo) — Devieis ter excluido do baralho os valores 8, 9 e 10 de cada naipe, como rezam as instrucções que publicamos.

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

N. 172 — FLOR (S. Paulo) — Lêde o que digo antes á Meirim que se entende tambem comvosco.

N. 173 — DANILO (Santos) — Um homem que deseja vossa felicidade terá uma surpresa e receberá uma carta de outro que vos estima, o que será breve. Vejo correspondencia com dinheiros grandes e ciumes, não agora. Ha um obstaculo a um casamento opposto por uma mulher intrigante. Vejo ainda fraca fortuna e más palavras de uma mulher que vos prestará serviços, ao lado de um vosso rival.

N. 174 — CARMEN DE BIZET (S. Paulo) — Lêde tambem o que digo antes á Meirim de S. Paulo sobre as cartas que devem ser excluidas do baralho.

N. 175 — LADY VADY (Rio) — Vejo trahição, uma promessa em um banquete de uma pessôa intermediaria que vos estima. Haverá breve um casamento acompanhado de zelos, correspondencia interceptada e um acontecimento feliz e inesperado com sympathia. Vejo ainda um processo na justiça e condemnação de um homem de negocios que se preoccupa com o vosso futuro. Haverá enredos, lagrimas, ciumes provocados por uma vizinha má que vos dará desgostos serios.

N. 176 — DAMA DAS CAMELIAS (?) — Esse homem de bem que é vosso esposo ou noivo ao lado de uma vossa rival se ausentará e ficará com dinheiros pequenos, além de vicios. Vejo breve um matrimonio e uma vossa indisposição sem perigo. Deveis ouvir os conselhos desse homem idoso que não provoca ciumes e tem fortuna de que ides receber algum dinheiro. Sabereis de uma novidade por um joven que vos trahirá se fôr ouvido.

N. 177 — SENHORITA DAHÉ (?) — Lêde o que digo antes á Meirim e excluí do baralho os valores 8, 9 e 10 de cada naipe, antes de deitardes as cartas.

N. 178 — ALBA C. M. (?) — Serve o mesmo baralho para outra consulta, desde que não se tenha feito nenhum jogo com elle. Deveis, porém, excluir delle os valores 8, 9 e 10 de cada naipe, como recommendo á vossa irmã, Senhorita Dahé. Grato vos sou pela vossa gentileza enviando-me parabens pelo successo desta secção que mereceu vosso confortador applauso.

ROSE MARIE (S. Paulo) — Esse homem que quer vossa felicidade, brevemente terá um constrangimento causado por uma intrigante que vive perto de vós. No futuro tereis desgostos, ciumes por causa de um casamento que será desmanchado. Por isso vejo lagrimas compensadas por uma dadiva que vos será feita. Tereis uma ligeira indisposição, recebereis uma carta de um homem idoso e de bom conselho, assim como de um outro que é homem da lei.

N. 180 — PIVIANNA (Bate') — Recebereis, com alegria, um mimo de amor e uma promessa, não agora, que vos prenderá. Vejo doença, reconciliação de desaffectos e um grande desgosto de pouca duração, por causa de más palavras. Um mancebo vos trahirá se fôr attendido nas suas pretenções e vos causará grande paixão d'alma. Vejo fraca fortuna de um homem que vos deseja ver feliz e ha de o conseguir, apesar da má vontade de uma vizinha faladora que age com cinco sentidos. Em horas de comidas e bebidas ouvireis bôas palavras de sympathia.

N. 181 — VICTORIA C. R. (Espirito Santo) — Devieis ter excluido do baralho os valores 8, 9 e 10 de cada naipe como se recommenda nas instrucções.

N. 182 — MISS SENTIMENTAL (Santos) — Esse homem de negocios ficará gravemente doente e por isso embarcará para fóra, tendo depois sua correspondencia desviada. Vejo prisão e seducção de um joven que vos trahirá, provocando desordem. Ha pouca fortuna e ciumes de uma mulher de bom coração que vos presta serviços. Por caminhos demorados uma vossa rival fará enredos a um homem que vos deseja o bem e que terá desgostos com isso.

N. 183 — B. A. R. S. (S. Francisco do Sul) — Tende a bondade de ler o que digo antes á Victoria C. R. do Espirito Santo.

N. 184 — DAG (Copacabana) — Vejo más palavras e um processo de um homem de negocios que provocará desordem por causa de uma intrigante. Haverá melhoria de posição, e recebereis uma carta e um mimo de amor, assim como bôas noticias no proximo correio. Casareis breve. Uma pessôa intermediaria se interessa por vós junto de um senhor idoso de de bom conselho. Vejo uma rival que vos causará desgosto com seus enredos ao lado de um rival.

N. 185 — DIDI F. S. (?) — Vejo poucos dinheiros de um homem que cuida do vosso futuro e que ficará doente. Uma mulher de bom coração que vos prestará serviços ao lado de um homem que quer vossa felicidade e de um rival, commetterão uma leviandade com más palavras, provocando vossas lagrimas. Vejo novidades em uma carta e uma paixão, além de constrangimento, desgostos, separação e uma surpresa. O dia de publicação do "Para todos..." é o sabbado.

N. 186 — M. F. L. (Rio) — Esse homem da lei vos fará uma promessa breve. Tereis bom exito nos negocios e uma mulher que vos deseja mal, em horas de comidas e bebidas ao lado de outra que vos estima e é de poucos dinheiros provocará uma desordem nesta casa. Um homem que vos quer bem com bôas palavras, não agora, desviará enredos com toda a lealdade.

N. 187 — ROSITA (Rio) — Um homem de negocios gosta de vós e uma mulher que agora vos estima ao lado de uma intrigante vos trahirá no futuro. Depois, arrependida, se reconciliará. Vejo, então, um casamento nesta casa e uma doença seguida de bôa noticia no proximo correio, com pequenos dinheiros de um rival fóra de casa. Vosso noivo e um rival promoverão uma desordem.

KOM-EL-AHMAR

INSTRUCÇÕES PARA "DEITAR AS CARTAS"

Toma-se um baralho novo, que ainda não tenha servido para nenhum jogo e do qual se excluem as cartas representando os valores 8, 9 e 10 de cada naipe. Embrulha-se bem em sete folhas de papel branco, cada folha de per si. Passa-se depois pela agua do mar ao meio dia de uma sexta-feira, proferindo-se no momento estas palavras:

— "Que os espiritos celestes vos ponham virtude".

Nos logares onde fôr difficil obter agua do mar, deitam-se em uma bacia, ou outro recipiente qualquer, sete garrafas de agua commum, e dentro da mesma se atiram sete punhados de sal com a mão esquerda. Tendo sido o sal extrahido da agua do mar por evaporação, volta novamente a ella, integrando-se no liquido.

Depois de mergulhado na agua alguns instantes, desembrulha-se o baralho dos seus sete envolucros, baralha-se tres vezes e parte-se em cruzêta, o que se faz dividindo-o em quatro montes ou partes, mais ou menos iguaes, que se collocam sobre uma mesa coberta com toalha branca.

Juntam-se novamente os quatro montes, a começar do ultimo até o primeiro, e, depois de alguns minutos de concentração de espirito, em que não se pense em outra cousa senão naquillo que se pretende saber, vá-se deitando as cartas da esquerda para a direita em oito filas de cinco cartas, como mostra o quadro anterior, de sorte que a sexta fique abaixo da primeira e assim por deante, até a quadragesima do angulo inferior direito.

Feito isto, escrevam nos quadros correspondentes a cada carta o seu valor ou figura que representam, como no exemplo annexo:

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

Recortem o mappa depois de preenchido, assignem-no com o pseudonymo que escolherem e enviem-no para: Redacção do "Para todos..." (Serviço de Cartomancia) Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

A resposta não se fará esperar e deve ser procurada nesta mesma secção em que será publicada com o pseudonymo correspondente á consulta feita.

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR; 34

(ANTIGA SACHET)

Telephone 4-5325 — Rio de Janeiro

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

- *Introducção á Sociologia Geral*, obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) (Broch.) .... 16$000
- A mesma obra (Encadernada) .... 20$000
- *Tratado de Anatomia Pathologica*, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Professor da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Broch.) .... 35$000
- A mesma obra (Encadernada) .... 40$000
- *Tratado de Ophthalmologia*, volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) .... Broch. 25$, enc. .... 30$000
- *Tratado de Ophthalmologia*, vol. 1º., tomo 2º., pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) ...... Broch. 25$, enc. .... 30$000
- *Tratado de Therapeutica Clinica*, volume 1º por Vieira Romeiro (Dr.) .... Broch. 30$000, enc. 35$000
- *Tratado de Therapeutica Clinica*. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º Vol. Broch. 25$000, enc. .... 30$000
- *Siderurgia*. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc...... 25$000
- *Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro*. P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$, enc. .... 30$000
- Amoroso Costa — *Ideas Fundamentaes da Mathematica*, Broch. 16$000 enc. .... 20$000
- Otto, Rothe — *Chimica Organica — 1º Vol. tomo 1º* 20$000 enc. .... 25$000
- F. Moura Campos — *Manual Pratico de Physiologia* Broch. 20$000 enc. .... 25$000
- P. Miranda — *Tratado dos Testamentos*, 1º Vol. Broch. 25$000 enc. 30$000 2º Vol. Broch. 25$000 enc...... 30$000
- C. Pinto — *Parasitologia*, 1º Vol. Broch. 30$000 enc. 35$000 2º Vol. Broch. 30$000 enc. .... 35$000

EDIÇÕES A' VENDA

- *Cruzada Sanitaria*, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) (Broch.) .... 5$000
- *Annel das Maravilhas*, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira) (Broch.) .... 2$000
- *Cocaina*, novella de Alvaro Moreyra (Broch.)........ 4$000
- *Perfume*, versos de Onestaldo de Pennafort (Broch.) 5$000
- *Botões Dourados*, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva (Broch.)...... 5$000
- *Leviana*, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro (Broch.) .... 5$000
- *Alma Barbara*, contos gaúchos de Alcides Maya (Broch.) 6$000
- *Problemas de Geometria*, de Ferreira de Abreu (Broch.) 3$000
- *Caderno de Construcções Geometricas*, de Maria Lyra da Silva (Broch.) .... 2$500
- *Chimica Geral*, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.) .... 6$000
- *Um anno de cirurgia no sertão*, de Roberto Freire (Dr.) (Broch.) .... 18$000
- *Promptuario do imposto de consumo em 1925*, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 6$000
- *Lições Civicas*, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.).... 5$000
- *Como escolher uma bôa esposa*, de Renato Kehl (Dr.) (Broch.) .... 4$000
- *Humorismos innocentes*, de Areimor (Broch.)........ 5$000
- *Toda a America*, versos de Ronald de Carvalho (Broch.) 8$000
- *Indice dos Impostos para 1926*, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 10$000
- *Questões praticas de Arithmetica*, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré (Broch.)........ 10$000
- *Formulario de Therapeutica Infantil*, por A. Santos Moreira (Dr.) 4ª edição augmentada (Enc.)...... 20$000
- *Chorographia do Brasil* para o curso primario, pelo Porf. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.)........ 10$000
- *Theatro do Tico-Tico* — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley 6$000
- *O orçamento* — por Agenor de Roure (Broch.)........ 18$000
- *Os Feriados Brasileiros*, de Reis Carvalho (Broch.).... 18$000
- *Desdobramento* — Chronicas de Maria Eugenia Celso (Broch.) .... 5$000
- *Circo*, de Alvaro Moreyra (Broch.)........ 6$000
- *Canto da Minha Terra* 2ª Edição. O. Marianno...... 10$000
- *Almas que soffrem*. E. Bastos. (Broch.)........ 6$000
- *A Boneca vestida de arlequim*. A. Moreyra. (Broch.) 5$000
- *Cartilha*. Prof. Clodomiro Vasconcellos........ 1$500
- *Problemas de Direito Penal*. Evaristo de Moraes, (Broch.) 16$, enc. .... 20$000
- *Problemas e Formulario de Geometria*. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza .... 6$000
- *Grammatica latina*, de Padre Augusto Magne S. J. 2ª edição (Broch.) 16$ enc. .... 20$000
- *Primeiras noções de latim*, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prélo
- *Historia da Philosophia*, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição (Enc.) .... 12$000
- *Curso de lingua grega*, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) .... 10$000
- *Grammatica da lingua hespanhola*, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição (Broch.) ... 7$000
- Candido Borges Castello Branco (Cel.), *Vocabulario Militar* (Cart.) .... 2$000
- *Chimica elementar*, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart) .... 4$000
- *Problemas praticos de Physica elementar*, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º (Broch.)........ 2$500
- *Problemas praticos de physica elementar*, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º (Broch.) .... 2$500
- *Primeiros passos na Algebra*, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) .... 3$000
- *Geometria*, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva (Cart.) .... 5$000
- *Accidentes no trabalho*, pelo Dr. Andrade Bezerra (Brochura) .... 1$500
- *Esperança* — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo prof. Lindolpho Xavier (Dr.) (Broch.) .... 8$000
- *Propedeutica obstetrica*, por Arnaldo de Moraes (Dr.) 3ª edição .... Broch. 25$, enc. 30$000
- *Exercicios de Algebra*, pelo Prof. Cecil Thiré (Broch.).. 6$000
- Miranda Valverde — *Evoluções da Escripta Mercantil*.. 15$000
- Moraes — *Sã Maternidade*........ 10$000
- Celso Vieira — *Anchieta*........ 16$000
- Wanderley — *Album Infantil*........ 6$000
- Anesi — *Physiologia Cellular*........ 8$000
- Alvaro Moreyra — *Adão e Eva*........ 8$000
- A. Magne — *Selecta Latina* Broch. 12$000, enc. ...... 15$000
- Renato Kehl — *Livro do chefe de Familia* — enc. .... 25$000
- Heitor Pereira — *Anthologia de Autores Brasileiros* .... 10$000
- *Problemas praticos de Physica elementar*, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 1º (Broch.)........ 3$000

Officinas Graphicas d'O MALHO